

Para Clécio Luís, governador do Amapá,
os royalties da Margem Equatorial
deverão ir para projetos ambientais



Em ação cinematográfica, ladrões
invadem o Louvre e levam jóias da
realeza francesa de valor incalculável



ISTO É

Edição 8 - 24/10/25

A SEMANA

PETRÓLEO AMAZÔNICO



Licença do Ibama para Petrobras realizar investigação exploratória em
área próxima à foz do Amazonas abre caminho para uma nova fronteira
petrolífera e atrai protestos dos ambientalistas às vésperas da COP30

ISTO É
sustentável

ines249

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Editorial

Pororoca petrolífera

Em tempos de acirrados debates sobre aquecimento global e as calamidades que dele decorrem, discutir a expansão da exploração petrolífera é sempre assunto delicado. A situação se torna mais polarizada quando a exploração em questão vai acontecer em uma área tida como santuário natural e dotada de um ecossistema complexo e delicado. É exatamente esse o nó que se formou em torno da liberação da pesquisa exploratória na bacia Foz do Amazonas, a ser conduzida nos próximos meses pela Petrobras. Para piorar, a confusão se dá a menos de um mês da realização da COP30, evento global da ONU sobre as mudanças climáticas, em Belém.



DIVULGAÇÃO FORESEA

A Petrobras faz pesquisa exploratória com a sonda de perfuração NS-42 (foto)

Independente do contexto turbulento, incluindo aí a questão política relatada na reportagem de Leonardo Rodrigues com colaboração de Matheus Almeida que começa na página 7, o assunto precisa ser avaliado de forma racional. O governador do Amapá, Clécio Luis, em entrevista a João Vitor Revedilho publicada a partir da página

4, defende, por exemplo, a utilização de boa parte dos royalties decorrentes da exploração em programas de preservação ambiental. Apesar do receio de possíveis vazamentos e acidentes, a Petrobras tem um histórico invejável de exploração em águas profundas. Debates são necessários, mas sem paixões, preconceitos e radicalismo.

Índice

CAPA: FOTOS DE GOOGLE EARTH, MARCELO LOUREIRO/GOVERNO DO AMAPÁ E DIVULGAÇÃO/MUSEU DO LOUVRE

- 4 ENTREVISTA
- 7 BRASIL
- 14 ECONOMIA
- 17 INTERNACIONAL
- 23 SAÚDE
- 25 GENTE
- 28 ESPORTE
- 31 ESTILO DE VIDA
- 34 ENTRETENIMENTO
- 39 O MELHOR DAS REDES
- 40 PALAVRA POR PALAVRA



Fachada da B3, em São Paulo

DIVULGAÇÃO



Shohei Ohtani é o jogador perfeito dos Dodgers

KIYOSHI MIO



Maurício de Sousa completa 90 anos

FOTOS ACERVO

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR
E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/

Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



Clécio Luís:
“Transformar o
Amapá em vilão
ambiental é injusto”

MARCELO LOUREIRO/GOVERNO DO AMAPÁ

Como avalia a decisão do Ibama que autorizou a pesquisa exploratória após anos de espera da Petrobras?

É uma grande vitória para o Amapá e para a política feita com seriedade. A decisão do Ibama atende ao que esperávamos, pois é o órgão responsável e competente para esse licenciamento. Embora eu tenha criticado a demora, o processo foi conduzido com o maior rigor da história, especialmente para a atividade de óleo e gás. O Ibama realizou um trabalho que não deixa dúvidas: todos os critérios e pré-requisitos foram integralmente cumpridos, justificando a liberação. Foi uma decisão acertada, técnica, que beneficia tanto o Brasil quanto o Amapá.

Na prática, como essa autorização afetará a economia do Amapá?

O projeto de petróleo no Amapá apresenta uma nova e poderosa matriz econômica, não apenas mais um empreendimento isolado. Essa atividade gerará empregos, renda e atrairá todo um ecossistema industrial do setor de óleo e gás, incluindo cadeias de transporte, insumos e mão de obra especializada. Diferente de ciclos extrativistas do passado, esta matriz trará royalties e recursos estáveis que permitirão ao estado manter a floresta em pé, gerar empregos qualificados, investir em pesquisa aplicada, apoiar povos indígenas e melhorar a infraestrutura. São novos empregos, negócios e recursos para áreas prioritárias.

Qual a expectativa de arrecadação, geração de empregos e investimentos?

As projeções para o petróleo no Amapá ainda dependem de confirmação por meio de pesquisas, mas os cálculos indicam impactos transformadores. Estima-se a duplicação do PIB estadual, saltando de R\$ 23 bilhões para até R\$ 60 bilhões, além de uma produção potencial de 1 a 1,2 milhão de barris diários. Esses números, porém, só se concretizarão após a fase de pesquisa. Além dos royalties, que terão um plano de governança específico, o desenvolvimento inclui a criação de cursos técnicos e de engenharia em parceria com universidades locais. Um

Royalties do petróleo em favor das florestas

Governador do Amapá, Clécio Luís defende a pesquisa na bacia Foz do Amazonas. Para ele, recursos advindos da exploração serão usados com fins ambientalistas

Dias após a liberação do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) para a Petrobras fazer a pesquisa exploratória de um poço na região próxima à foz do Amazonas, o governador do Amapá, Clécio Luís (Solidariedade), ainda comemorava a decisão – foco da reportagem que se inicia na página 7 –, enquanto preparava o uso do tema como seu principal ativo

na campanha para a reeleição em 2026. Em contraste à alegria pela expectativa de alta na arrecadação, Luís convive com críticas de ativistas em virtude da exploração do bloco, que fica no mar amapaense, e rebate os argumentos ao afirmar que o estado não pode pagar o preço da descarbonização global. Para ele, o Brasil não precisa “provar mais nada” em matéria ambiental.

João Vitor Revedilho



O governador afirma que o Amapá já concluiu sua transição energética para fontes renováveis

MARCELO LOUREIRO/GOVERNO DO AMAPÁ

momento significativo foi o diálogo com lideranças indígenas, que já visualizam seus filhos se formando nessas áreas, mostrando uma convergência de interesses em torno dessa nova matriz econômica para o estado. O plano busca equilibrar os benefícios econômicos com a inclusão social e a preservação ambiental. Os recursos dos royalties serão direcionados para infraestrutura, pesquisa e apoio às comunidades, enquanto a cadeia produtiva do petróleo gerará empregos qualificados e movimentará setores locais de serviços e insumos.

Como conciliar a exploração petrolífera com as críticas ambientais?

Valorizo todas as críticas, que são inerentes ao debate democrático. No entanto, observo que parte das objeções à exploração de petróleo no Amapá baseia-se mais em dogmas do que em dados concretos. A Petrobras possui expertise incomparável em águas profundas, com mais de três mil poços

perfurados sem acidentes, utilizando tecnologias de ponta como o navio-sonda NS-42 e sistemas avançados de prevenção a vazamentos. O Brasil não pode abrir mão desse mineral estratégico. Essa discussão deve ocorrer em nível estratégico, não de forma superficial ou individualizada. O petróleo é vital para o Brasil e para a Petrobras, que sem novas reservas poderá precisar importar combustível refinado em alguns anos – o que elevaria preços, inflação, custos de transporte e, finalmente, o preço da comida na mesa da população mais vulnerável. Obviamente, existem discussões mais amplas sobre a economia do carbono, o papel dos combustíveis fósseis e a transição energética global. Defendo a transição, mas não aceito que o Amapá – que cumpriu seus deveres ambientais e mantém o território mais preservado do país – pague essa conta por nações que não cumprem o Acordo de Paris. Nossa contribuição para o aquecimento global é residual, e precisamos de desenvolvimento. Se queremos contribuir mais, precisa-

mos de fontes de financiamento para manter a floresta em pé e garantir dignidade aos povos da floresta. É nessa perspectiva que enxergamos o petróleo. Portanto, discuto a questão ambiental com qualquer interessado, pois transformar o Amapá em vilão ambiental é injusto: nossa produção energética não terá impacto significativo no planeta. A produção de petróleo é estratégica para o mundo e fundamental para a geopolítica. Para nós, a questão não é matriz energética: já realizamos nossa transição. Há 32 anos, éramos 100% dependentes de diesel. Hoje, temos energia 100% hidrelétrica, com quase 1 GW de produção – mais que o dobro do nosso consumo – e avançamos na geração solar, eólica e em sistemas híbridos. Já fizemos nossa transição; agora promovemos a diversificação energética. O Amapá, que já concluiu sua transição energética para fontes renováveis, não pode arcar sozinho com os custos da descarbonização global. Os royalties do petróleo serão essenciais para financiar a preservação florestal, apoiar

comunidades indígenas e investir em infraestrutura, seguindo modelos internacionais bem-sucedidos como o da Noruega. Esta atividade não representa nossa única aposta econômica, mas sim uma alavanca estratégica para gerar recursos que permitirão ao estado consolidar um desenvolvimento sustentável e diversificado, garantindo dignidade para sua população sem abrir mão de seus compromissos ambientais.

Se o foco é petróleo, como está a transição para energias renováveis no estado?

O Amapá já realizou sua transição energética, substituindo a dependência do diesel por uma matriz limpa baseada em hidrelétricas de baixo impacto e com significativo potencial solar e eólico. No entanto, reconhece que os combustíveis fósseis ainda movem a economia global e que o estado não pode arcar sozinho com o ônus da descarbonização. A exploração de petróleo é vista como complementar ao desenvolvimento das renováveis, gerando recursos necessários para investir em infraestrutura e preservação. Enquanto o petróleo financia o presente, o Amapá avança na diversificação energética, mapeando seu potencial solar de 54 GW e desenvolvendo sistemas híbridos inovadores para construir uma matriz energética sustentável e inclusiva.

A autorização em ano de COP30 não envia mensagem contraditória sobre a política ambiental brasileira?

O Brasil e o Amapá não precisam provar seu compromisso ambiental, sendo o país que menos contribui com emissões de combustíveis fósseis. A liberação da licença antes da COP30 foi um ato de transparência, mostrando que o processo seguiu todos os critérios legais – diferentemente de empresas que buscam jurisdições menos rigorosas, como ocorreu com a Total Energies no Suriname [a multinacional francesa opera projetos offshore – ou instalados no mar – no país]. O pior seria aguardar o término da COP para então anunciar a liberação da licença. Isso transmitiria uma mensagem negativa ao mundo, prejudicaria os resultados da conferência e revelaria hipocrisia, como se



MARCELO LOUREIRO/GOVERNO DO AMAPÁ

houvesse uma tentativa de burlar o processo. Seria como dizer: “Vamos esperar a COP passar para então divulgar uma licença que já estava aprovada por atender a todos os critérios legais”. A legislação foi integralmente cumprida. O Ibama cumpriu seu papel ao emitir a licença antes da COP, assim como acertaram o Ministério do Meio Ambiente, o governo brasileiro e o presidente Lula. O Amapá também agiu corretamente, pois deixou claro que a licença seria concedida mais cedo ou mais tarde. O que o Brasil sinalizou com isso? Que está tratando essas questões com transparência e honestidade, sem hipocrisia, algo que, infelizmente, ainda campeia nos debates ambientais, junto com dogmas e fundamentalismo. A COP30 na Amazônia enriquecerá o debate justamente por acontecer em uma região de realidade complexa. O Amapá mantém 95% de sua floresta preservada e todos os territórios indígenas demarcados, mas convive com pobreza e dependência de repasses federais. Preservar não significa estagnar: é preciso gerar emprego e renda para evitar que o crime organizado ocupe esse vazio econômico.

O petróleo não é o plano A – temos avançado em bioeconomia e energias renováveis –, mas seus recursos são necessários para financiar essa transição. Sem alternativas econômicas formais,

a pressão sobre a floresta só aumentará, e é isso que precisamos evitar com honestidade e planejamento.

Quais medidas concretas de proteção ambiental serão adotadas na área de exploração? E como foi o diálogo com a ministra Marina Silva sobre este projeto?

Minha trajetória política começou na esquerda, com passagens pelo PT e Rede Sustentabilidade, e evoluiu para uma atuação mais centrada no desenvolvimento pragmático. Embora tenha relação de respeito com Marina Silva e Rodrigo [Agostinho, presidente do Ibama], não houve contato prévio sobre o licenciamento, para não interferir em uma decisão que deveria ser estritamente técnica. O Amapá parte de uma posição única como o estado mais preservado do Brasil, mas essa condição só se manterá com presença estatal e economia regulada. Para isso, criamos o Código Ambiental mais moderno do país, concluímos o Zoneamento Ecológico-Econômico e mapeamos todo nosso potencial de energias renováveis. O petróleo, nesta estratégia, é um meio – não um fim. Seus recursos financiarão o Parque Tecnológico que lançaremos em breve e a industrialização da bioeconomia, gerando emprego e renda enquanto mantemos nossa floresta em pé. **E**

O eldorado de Lula



Petrobras iniciou pesquisa exploratória no Amapá com a sonda de perfuração NS-42

DIVULGAÇÃO FORESEA

Petrobras obtém licença do Ibama para realizar investigação exploratória em área próxima à foz do Amazonas e promete responsabilidade e qualidade técnica na perfuração, enquanto movimentos ambientalistas criticam a autorização pelo governo às vésperas da COP30

Leonardo Rodrigues

De depois de ter recebido um “não” em maio de 2023, a Petrobras obteve na segunda-feira, 20, uma licença muito almejada, concedida pelo Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis): a companhia foi liberada para realizar uma investigação exploratória em um poço na bacia próxima à foz do rio Amazonas, uma das cinco localizadas na chamada Margem Equatorial, região marítima cujo potencial estimado pela companhia é de 10 bilhões de barris de petróleo no território brasileiro. A autorização foi anunciada a 21 dias do início da COP30, a conferência do clima que vai acontecer em Belém, no Pará.

Movimentos ambientalistas não tardaram em criticar a decisão pelos altos riscos oferecidos à fauna e flora da região e por constituir um avanço da indústria petroleira em meio ao agravamento das mudanças climáticas. Do lado do governo federal e de lideranças políticas com discursos desenvolvimentistas, houve celebração. A liberação da Petrobras para investigar o que

pode oferecer esse poço – que fica nas águas profundas do Amapá, a 500 quilômetros da foz do rio Amazonas – era aguardada com expectativa pelo alto potencial econômico de exploração de petróleo na região.

A licença foi concedida após anos de tratativas e embates com o órgão ambiental. Em nota, a petroleira informou o início imediato de um processo de perfuração previsto para durar cinco meses. “A companhia pôde comprovar a robustez de toda a estrutura de proteção ao meio ambiente que estará disponível durante a perfuração em águas profundas do Amapá. Vamos operar na Margem Equatorial com segurança, responsabilidade e qualidade técnica. Esperamos obter excelentes resultados nessa pesquisa e comprovar a existência de petróleo na porção brasileira dessa nova fronteira energética mundial”, declarou Magda Chambriard, presidente da Petrobras.

A autorização foi especialmente celebrada nas sedes do governo Lula (PT), da presidência do Senado, ocupada por Davi Alcolumbre (União Brasil-

AP), e do governo do Amapá, chefiado por Clécio Luís (Solidariedade). Em comum, todos contam com o petróleo que se espera encontrar lá como combustível para suas ambições políticas.

É importante ressaltar que a licença emitida pelo Ibama autoriza apenas a pesquisa na região para averiguar se, de fato, há petróleo na bacia da Margem Equatorial. A perfuração investigativa da Petrobras pode, inclusive, apontar que a região não é viável para a exploração. Caso seja comprovado o potencial econômico, outro licenciamento, que permite a efetiva exploração, deverá ser emitido.

Segundo a Petrobras, a atividade exploratória na Margem Equatorial envolve a perfuração de mais de um poço. Foi dada a autorização para a investigação no bloco identificado como FZA-M-59, onde está, desde agosto, a sonda de perfuração NS-42. Lá, está o poço chamado de Morpho. A companhia tem, em andamento, processos de licenciamento de perfuração nos blocos FZA-M-57, 86, 88, 125 e 127.

O Ministério de Minas e Energia estima que, nas cinco bacias que formam a Margem Equatorial — Foz do Amazonas, Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar —, a Petrobras possa explorar até 10 bilhões de barris de petróleo, gerar uma cadeia de 350 mil empregos e atrair investimentos estrangeiros. Segundo a pasta, que apelidou a região de “novo pré-sal”, o risco era de que o país, sem perfurar a região, voltasse a importar petróleo entre 2036 e 2039. Com o aval do Ibama, o ministro Alexandre Silveira disse que o “futuro da soberania energética” brasileira está garantido.

Principal fiador da campanha petroleira, Silveira ganhou o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a partir de fevereiro, quando o Ibama recomendou que a licença para a Petrobras trabalhar na Margem Equatorial



Magda Chambriard, da Petrobras: robustez na proteção ao meio ambiente

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL



RICARDO STUCKERT/PR

Combustível político

Com o uniforme da Petrobras, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva repetiu o gesto de Getúlio Vargas e sujou as mãos de petróleo em abril de 2006 ao inaugurar a plataforma P-50, sinal de garantia da autossuficiência brasileira na produção do combustível fóssil. Na época, a euforia econômica tirou o escândalo do Mensalão das manchetes e deu impulso para a reeleição do petista, meses depois.

Em julho de 2010, às vésperas de concluir o segundo mandato, Lula vestiu mais uma vez o uniforme da petroleira em visita às instalações da plataforma do campo de Baleia Franca, na Bacia de Campos, litoral sul do Espírito Santo, para anunciar o início da produção comercial do pré-sal. Foram três anos da perfuração do bloco e seriam mais três até o primeiro leilão, do Campo de Libra (hoje chamado Mero), na Bacia de Santos, no Rio de Janeiro, em operação que rendeu R\$ 15 bilhões de bônus ao governo. Surfando na onda do combustível, o petista ostentou índices de aprovação na casa dos 87% e fez de Dilma Rousseff sua sucessora.

Já com Lula de volta ao Palácio do Planalto, o pré-sal ainda rende frutos econômicos e políticos — bateu a marca de 3,7 milhões de barris diários de petróleo e gás natural em junho — e, considerando a projeção de esgotamento gradual de suas reservas, deve garantir autossuficiência na produção nacional até meados de 2031.

Lula celebrou a plataforma P-50 e a produção do pré-sal

fosse negada sob o argumento de que não havia garantia de proteção ao ecossistema marinho, considerado sensível, em caso de vazamento de petróleo — nas negativas anteriores pesou exatamente esse argumento. O petista veio a público dizer que o Ibama deveria parar de “lenga-lenga” e prometeu convencer sua ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, a mudar de ideia quanto à perfuração — a ex-presidenciável se tornou voz solitária na Esplanada dos Ministérios a favor do rigor da autarquia.

Mas o presidente guarda a lembrança de que, em 2006, quando anunciou a descoberta do pré-sal, ganhou um fôlego econômico que ajudou a garantir a reeleição mesmo com um governo manchado pelo escândalo do Mensalão, descoberto um ano antes. Lula ainda apostava na Margem Equatorial para afagar Alcolumbre, que, no comando do Senado, garante algum alívio à dura vida que o executivo enfrenta no Congresso e atua como obstáculo às pautas bolsonaristas que por lá circulam. Após a concessão da licença, Alcolumbre defendeu que os benefícios da exploração cheguem à população do estado, que é sua base eleitoral.

A perspectiva também anima o governador Clécio Luís. “Nós temos o

Marina destacou o rigor do Ibama, que exigiu melhorias da Petrobras

menor orçamento entre os estados, somos completamente dependentes dos repasses constitucionais da União. Os royalties do petróleo vão nos permitir alçar nosso orçamento público a patamares jamais vistos e esperados por nós”, disse. Aliado de Alcolumbre e candidato à reeleição, o governador conhece o exemplo de regiões que foram transformadas pelo pré-sal — a pequena Maricá, no Rio de Janeiro, fatura na casa dos R\$ 2 bilhões anuais com royalties gerados pelos poços da camada.

Para o governador, os recursos estáveis gerados pelo petróleo — caso ele possa ser explorado — permitirão ao estado “manter a floresta em pé, gerar empregos qualificados, investir em pesquisa aplicada, apoiar povos indígenas e melhorar a infraestrutura”, como afirmou em entrevista publicada a partir da página 4 desta edição.

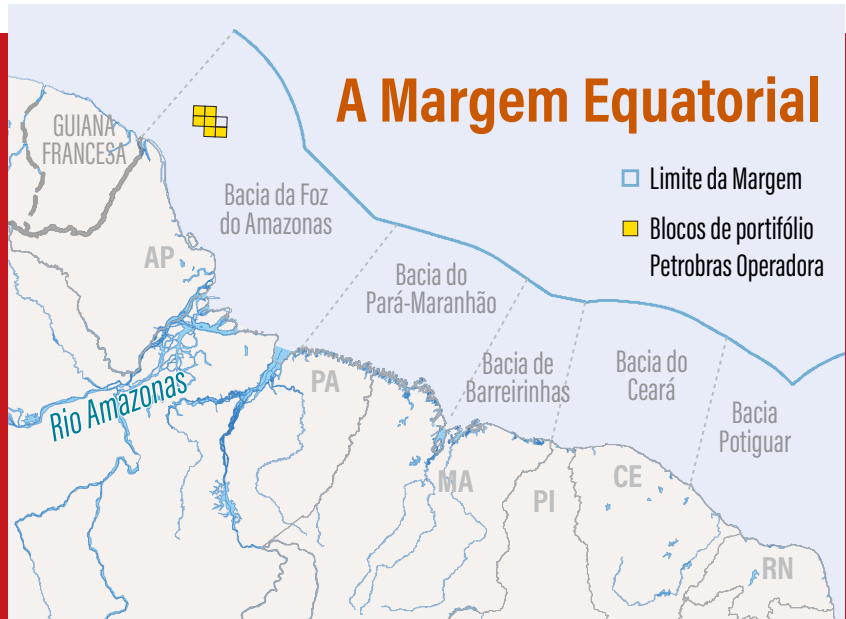
Na visão do diretor da consultoria Centro Brasileiro de Infraestrutura e Energia (CBIE), Adriano Pires, a exploração das bacias no Norte pode garantir competitividade econômica ao país e não é incompatível com bandeiras ambientais, como a troca dos combustíveis fósseis pela produção de energias renováveis — cerca de 88% da matriz brasileira já é limpa. “É preciso investir no conceito de adição energética, porque não há condição de abrir mão de nenhuma fonte. A produção de petróleo é o principal índice da nossa balança comercial e nos dá outra posi-



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

A região onde fica o poço liberado para pesquisas

A Margem Equatorial é uma vasta área geológica próxima à linha do Equador que, no caso do litoral brasileiro, se estende por mais de 2,2 mil quilômetros, desde o estado do Amapá até o Rio Grande do Norte. Essa região tem cinco bacias de petróleo: Foz do Amazonas, Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar. A licença que a Petrobras obteve é para fazer uma perfuração exploratória de um poço na bacia Foz do Amazonas, a área mais ao norte da porção brasileira da Margem Equatorial. O bloco marítimo em que está o ponto a ser pesquisado, chamado de FZA-M-59, fica em águas profundas do Amapá. Ele está a 500 quilômetros da foz do rio Amazonas e 175 km da costa amapaense.



ção na disputa econômica global. Sem uma bacia que possa substituir o pré-sal, como é a Margem Equatorial, há um risco sério de perder esse protagonismo”, afirmou.

O cumprimento desse potencial depende, agora, de que a perfuração autorizada nesta semana demonstre a capacidade de a Petrobras de garantir a segurança da fauna da foz do Amazonas e, ao mesmo tempo, comprove potencial suficiente para justificar os bilhões de dólares previstos de investimento para produzir petróleo na região. Conforme a petroleira, a etapa de testes deve durar de três a cinco meses. Em seguida, estimativas de quem opera no setor indicam que a extração do combustível deve começar de seis a dez anos — se tudo correr bem.

Em entrevista para o Canal Gov, plataforma de TV e mídia digital ligada ao governo federal, Marina Silva se posicionou em relação à decisão, defendendo que a concessão da licença foi feita segundo critérios técnicos e rebatendo que tivesse sido influenciada por interferência política. “A decisão dos nossos servidores do Ibama foi técnica. E, se houve qualquer manifestação política, isso não influenciou o trabalho de qualidade que foi feito. Claro, vivemos em um contexto político, e é legítimo que as pessoas tenham aspirações, mas em um governo republicano,

como é o do presidente Lula, a decisão foi técnica”, reforçou.

A ministra disse que o rigor do Ibama pode ser atestado pela série de melhorias exigidas para que a Petrobras obtivesse a licença. “Uma delas é a base de suporte ou de socorro para o que os especialistas chamam de fauna oleada. No projeto inicial, a base ficava em Belém, a 800 quilômetros de onde ia ser feita a prospecção de petróleo. E o Ibama entendeu que era inadmissível, porque o tempo de transporte desses animais era tão longo que não teria salvamento”, afirmou. Hoje, há uma base em Belém e outro em local perto da prospecção. “Se não fosse o rigor do Ibama, teria saído uma licença em prejuízo do meio ambiente e dos interesses do Brasil”.

É no avanço da perfuração que se localizam os pontos que adiaram seguidas vezes a licença ambiental. Isso ainda mantém entidades do setor em alerta. Presidente do Ibama entre 2016 e 2018, quando estudos prévios eram realizados na Margem Equatorial, a urbanista e advogada Suely Araújo ressaltou que o aval desconsiderou riscos como a dispersão do petróleo em caso de acidentes e a necessidade de consultar as comunidades tradicionais da região. “Está explícita a posição do governo de expandir a produção de petróleo na foz do Amazonas. A narrativa de que estão apenas pesquisando é

usada para distorcer a realidade”, disse. O Observatório do Clima, organização em que Suely é coordenadora de políticas públicas, prometeu protocolar, ao lado de outras ONGs, uma ação judicial para contestar a licença.

O setor vê uma contradição do governo Lula ao defender a exploração de petróleo às vésperas da COP30. O presidente ainda não voltou a tocar no assunto. “Essa decisão contraria os compromissos com a transição energética e coloca em risco as comunidades, os ecossistemas e o planeta”, criticou Paulo Artaxo, integrante do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e especializado em crise climática e Amazônia. “Precisamos de um acordo global para eliminar a extração de petróleo de forma justa, equitativa e sustentável. Até lá, o mínimo que temos de fazer é impedir sua ampliação”, defendeu.

Marina reconhece a contradição “que as pessoas levantam e com justa razão”, afinal o tema é preocupação não só no Brasil, como no mundo. “Precisamos sair da dependência do uso de combustível fóssil, porque é isso que está aquecendo a temperatura da Terra. Qual é o caminho que se pode fazer isso? Planejar de forma justa para que todos possam fazer suas transições”, declarou. **E**

Com reportagem de Matheus Almeida



Lula nomeou Boulos (à esq.) para a Secretaria-Geral da Presidência no lugar de Márcio Macêdo

Construtor de pontes

Escolhido para Secretaria-Geral da Presidência da República, Guilherme Boulos assume papel de articulador social e constrói projeto de longo prazo visando a sucessão paulista e nacional

João Vitor Revedilho

Após sete meses de idas e vindas nos bastidores, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fechou sua linha de comando da campanha de 2026 ao nomear o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-SP) para chefiar uma das áreas mais estratégicas para o governo petista: a Secretaria-Geral da Presidência da República, que tem status de ministério. A nomeação foi confirmada na segunda-feira, 20, após uma reunião entre Lula, Boulos e Márcio Macêdo, agora ex-ministro, no Palácio do Planalto.

Apesar da demora na nomeação, o destino de Boulos estava selado desde o começo do ano. Macêdo se via pressionado pela falta de infiltração nos

movimentos populares, público que sempre embalou as campanhas petistas. Enquanto isso, o deputado assumiu o protagonismo das duas maiores manifestações da esquerda em São Paulo, que impulsionaram a recuperação da imagem do governo nos últimos meses. No meio do ano, a manifestação pelo aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) reuniu cerca de 15 mil pessoas, enquanto 43 mil participaram dos protestos contra a PEC da Blindagem e do PL da Anistia. Essa última mobilização foi o estopim para a nomeação do psolista no Planalto.

Em setembro, antes de uma viagem à Nova York, Lula já avisara seus interlocutores que tinha batido o martelo

para a mudança e que anunciaria a novidade logo após sua volta. Aguardou um pouco. Enquanto isso, Boulos desmentia ou desviava de todas as abordagens no cafezinho do plenário da Câmara dos Deputados.

No domingo, 19, foi avisado que deveria estar em Brasília e logo pegou um voo às 12h para ter sua primeira agenda indireta como ministro: o lançamento do Reforma Casa Brasil, novo programa social do governo. Sentou-se na primeira fileira, normalmente destinada às principais autoridades e ministros. No mesmo prédio, mas no quarto andar, Macêdo preparava sua despedida e seus argumentos para a reunião que aconteceria no começo da noite. A partir de agora, ele estará focado na estruturação de sua campanha para deputado federal por Sergipe pelo PT.

A entrada de Boulos no Planalto não foi à toa, e sim estratégica para ambos os lados. Ele pavimentou seu nome mirando as eleições na cidade de São Paulo em 2028 e, de quebra, se fortalece como um dos candidatos a herdar o capital político do líder petista. Por sua vez, Lula ganha corpo para sua campanha à reeleição. Ao chefiar a Secretaria-Geral da Presidência, Boulos terá a missão de aproximar o governo da sociedade civil,



Um dos nomes cotados para suceder Boulos na Câmara é Sônia Guajajara, que deixaria de ser ministra dos Povos Indígenas

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

colocando o governo na boca do povo para dar robustez ao presidente. Com isso, o Planalto fecha a trinca de frentes para atacar em 2026, que conta com Gleisi Hoffmann na articulação política e Sidônio Palmeira na comunicação.

Boulos ainda terá de recapitar a relação do Planalto com movimentos sociais – entre eles o MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra) – e trabalhadores, público do qual Lula se afastou parcialmente em seu terceiro mandato. Para isso, o psolista terá de investir em uma pauta do próprio partido e repassá-la para o governo: a proposta de emenda à Constituição (PEC) que põe fim à escala 6x1. “Para o governo, isso é importante porque traz uma esquerda renovada e ligada às pautas mais atuais e ainda anula qualquer oposição dentro da esquerda”, avalia Leandro Consentino, cientista político e professor do Insper.

Lula também ganha um coordenador de campanha para a sua reeleição, já que Boulos pende para não se lançar candidato em 2026. Internamente, o PSOL trabalha com a ideia de tê-lo como o nome do partido ao Senado no próximo ano, uma possibilidade aventada nos corredores do Planalto. A tese, no entanto, corre por fora, já que

há uma forte articulação em prol de outros nomes, como Fernando Haddad (ministro da Fazenda), Marina Silva (ministra do Meio Ambiente), Simone Tebet (ministra do Planejamento) e Geraldo Alckmin (vice-presidente e ministro da Indústria). Caso não se lance, o psolista manterá seu protagonismo no projeto de reeleição do petista, sendo o responsável por impulsionar a campanha nas ruas.

Se Lula vê Boulos como sua ponte na sociedade civil, o novo ministro vê no presidente sua chance de ganhar capital político. Para aliados, o candidato à prefeitura de São Paulo em 2020 e 2024 não esconde o desejo de herdar os votos de Lula após 2026, última eleição em que o petista concorrerá. Para isso, disputará a preferência com Haddad, hoje o favorito do presidente da República.

Ao mesmo tempo, a pasta pode dar a Boulos a chance de ter mais corpo para fazer frente na disputa pelo comando da capital paulista em 2028. “A próxima eleição será a última de Lula e ele tem a pretensão de preparar novas lideranças políticas. Uma delas é Guilherme Boulos. Não devemos esperar dele uma atividade coadjuvante: Boulos será protagonista e uma figura que

vai amadurecer seu posicionamento para a sucessão lulista”, pontua Paulo Ramirez, cientista político e professor da ESPM.

A saída de Guilherme Boulos abriu mais uma cadeira na Câmara dos Deputados. O sucessor natural é o físico Ricardo Galvão (Rede-SP), atual presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mas ambos os partidos, Rede e PSOL, debatem se ele será o nome a assumir o posto. Internamente, há discussões para que Sônia Guajajara (PSOL-SP), ministra dos Povos Indígenas, deixe a pasta e retorne à Câmara.

A um passo do PT

A notícia de Boulos mais próximo do Palácio do Planalto não pegou os membros do PSOL de surpresa. O hoje ministro já tinha avisado sobre o movimento a seus principais aliados, que espalharam a novidade para os demais membros da legenda. O ponto de incógnita para alguns interlocutores é como fica o futuro do psolista no partido. Isso porque a entrada de Guilherme Boulos no governo aumenta a especulação da entrada dele no PT. Não é de hoje que petistas namoram o passe de Boulos e esperam o momento certo para o bote. Para herdar o capital político de Lula, a troca de partido seria uma das principais condições.

Está definido dentro das legendas que isso não deve acontecer em 2026. Se a troca acontecer, será para 2028 ou além, em 2030. Até lá, Boulos continua como o principal expoente do PSOL. Alguns membros do partido apontaram a preocupação do novo ministro de perder seu poder dentro da legenda. Atualmente, ele é o principal articulador do partido e detém poder nas executivas nacional, do estado de São Paulo e da capital paulista, e quer manter sua influência sobre as candidaturas de deputados federais e estaduais.

Além disso, o novo ministro prepara a sua sucessora no grupo Revolução Solidária, expoente que comanda dentro do partido. É sua esposa, Natália Szermeta. Ela será a herdeira desse capital na legenda. Pré-candidata à Câmara dos Deputados, Natália receberá parte dos mais de 1 milhão de votos que o marido recebeu em 2022. **E**

Decisão adiada

Lula adia anúncio de Jorge Messias para o STF, enquanto negocia com Rodrigo Pacheco sobre governo de Minas Gerais

João Vitor Revedilho



Messias deve ser anunciado nos próximos dias para o lugar de Barroso

Na noite de domingo, 19, interlocutores do Palácio do Planalto já se preparavam para o pacote de anúncios que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) faria no dia seguinte, antes mesmo de uma viagem à Ásia, já programada. O petista oficializaria a chegada de Guilherme Boulos na Secretaria-Geral da Presidência e Jorge Messias, ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU), como seu indicado para o Supremo Tribunal Federal (STF), no lugar de Luís Roberto Barroso. Horas mais tarde, apenas a primeira se confirmou. A mudança de rota começou logo nas primeiras horas de segunda-feira, 20.

Mesmo com o martelo batido, Lula esperava ouvir o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), sobre o termômetro do seu preferido no

Salão Azul. Conversou com o chefe do Congresso Nacional a sós em um jantar no Palácio do Alvorada. Ali, o petista ouviu que o nome preferido dos senadores é o de Rodrigo Pacheco (PSD-MG) – que é também a escolha de parte da cúpula do Poder Judiciário.

Alcolumbre reforçou que, para a aprovação de Messias, o governo deveria contar os votos dos senadores e que teria de mobilizar seus líderes para angariar apoio ao favorito de Lula. Nos corredores do Senado, Pacheco passaria pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e pelo plenário por unanimidade. Já Messias sofre com a reticência de parte dos opositores, principalmente a dos bolsonaristas radicais.

Aliados do Planalto contradizem Alcolumbre. Juristas e senadores ouvidos pela IstoÉ avaliam que as chances de

Messias conseguir emplacar seu nome no STF são enormes. Votos pontuais de parlamentares do União Brasil, Progressistas e Republicanos podem dar mais corpo ao nome tanto na CCJ quanto no plenário. Esses interlocutores acreditam que o nome de Messias deve ser mais fácil que os de Cristiano Zanin e Flávio Dino, as duas indicações anteriores nesse terceiro mandato de Lula.

Após ouvir o presidente do Senado, Lula decidiu aguardar. Mas a espera não é sinal de dúvida ou mudança de posição. O petista indicará Messias, mas quer dar um afago para Pacheco. Ambos devem se reunir nos próximos dias. Lula deve defender que precisa de um candidato forte em Minas Gerais para o governo do estado. O petista já disse que quer investir no senador para o cargo, mesmo que o PT tenha uma paquera com outros candidatos, como Alexandre Kalil, que acaba de se filiar ao PDT.

Mesmo sem a escolha de seu favorito, Alcolumbre não deve fazer jogo duro contra Messias. Assim que Lula indicá-lo, o presidente do Senado deve repassar a análise para a CCJ, que tende a votar rapidamente o nome do novo ministro.

Disputa pela AGU

Com a iminente ida de Jorge Messias para o STF, abre-se a disputa pela cadeira de AGU. Ao mesmo tempo em que é cobrado para indicar uma mulher no STF, Lula será pressionado para dar o posto para uma advogada. Atualmente, três nomes despontam entre as favoritas: Isadora Cartaxo (secretária-geral de Contencioso), Clarice Calixto (procuradora-Geral da União) e Anelize Almeida (procuradora da Fazenda Nacional). A primeira tem bom trânsito com todos os ministros da Corte, enquanto a segunda tem respeitabilidade entre alguns setores e autoridades do governo. Anelize, por sua vez, tem a preferência do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, com quem trabalha diretamente.

Por mais que a pressão exista, são pequenas as chances de uma delas ser a escolhida. Isso porque Lula deve ouvir a opinião de Messias, que, por sua vez, tem a preferência por Flávio Roman, seu número dois. A tendência é que a escolha seja anunciada já nos próximos dias. **E**

DANIEL ESTEVÃO/AGU/AGU



Viés de queda

Em cinco anos, quase 50 empresas saíram da bolsa brasileira. Hoje, 415 companhias estão listadas na B3 – elas já foram mais de 600

Alexandre Inacio

A bolsa brasileira, a B3, perdeu 48 empresas desde 2021. Só em 2025, já foram nove, total que chegará a 11 até o fim do ano, com as saídas da Gol e do Banco Pan, movimentações anunciadas recentemente. Dados da instituição mostram que, hoje, há 415 listadas; quatro anos atrás, eram 463. E elas já foram muito mais. No início da década de 90, o Brasil chegou a ter mais de 600 companhias com capital aberto na bolsa, número que se manteve relativamente estável por aquele período. A trajetória de queda se intensificou a partir dos anos 2000.

O motivo de a Gol deixar a B3 é uma reorganização societária, que resultará no fechamento do capital da empresa e saída da corporação do nível 2 de governança da bolsa brasileira, conforme anúncio público. Dois dias depois, na quarta-feira, 15, a holding Abra, controladora da companhia aérea, divulgou que pretende fazer uma oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) nos Estados Unidos.

Na mesma semana, o BTG informou, via fato relevante, a incorporação completa do Banco Pan, do qual é con-

trolador. De acordo com o documento, “a operação visa a consolidação, em uma única instituição financeira listada, de uma ampla e diversa gama de produtos para diferentes perfis de clientes, com consequente diversificação de portfólio, ganho de escala e eficiência”.

Para o professor da FIA Business School, José Carlos de Souza Filho, existem quatro fatores principais que levam uma empresa a deixar o mercado de capitais. O primeiro deles são os processos de fusão e aquisição de grupos que buscam mais escala e competitividade no mercado.

Um exemplo disso foi o setor de saúde. Levantamento da KPMG aponta que entre 2003 e 2023, o Brasil registrou 817 transações no mercado de saúde. Rede D’Or, Intermédica, Dasa, DaVita, Hapvida, Fleury, Oncoclínicas, Sabin, Amil, Viveo e Hermes Pardini foram algumas das empresas envolvidas nessas operações. Muitas tinham ações em bolsa e fecharam seu capital após os processos de fusão e aquisição.

O segundo grande motivo para uma empresa deslistar suas ações da bolsa é a decisão de se fechar o capital por

meio da chamada OPA (Oferta Pública de Aquisição). Esse é o modelo que será seguido pela Gol e que foi usado, há alguns anos, pela J&F para fechar o capital da Vigor Alimentos – tempos depois, a empresa foi vendida para o grupo mexicano Lala.

Souza Filho menciona como terceiro motivo a decisão de uma empresa buscar outras bolsas, como a Abra revelou. Ainda não se sabe quando a holding irá enviar para a SEC, o órgão fiscalizador dos mercados norte-americanos, um pedido confidencial prévio para possível IPO.

“O último motivo é quando a empresa quebra, como aconteceu com a Saraiva e, há mais tempo, com a Varig. Seja qual for o motivo, sair da bolsa traz consequências como menor visibilidade do mercado e menos opções para capitalização”, explica o professor.

Não são só os aspectos microeconômicos, ligados à estratégia de cada empresa que interferem na decisão de deixar a bolsa. Segundo Souza Filho, fundamentos macroeconômicos, como a taxa de juros, também provocam um efeito colateral no longo prazo. “Os juros altos desestimulam o investimento. Eles remuneraram muito os investimentos no mercado financeiro e também punem muito os tomadores de recursos”, observa.

De fato, há uma correlação entre a tendência de alta dos juros com a saída de empresas da bolsa. Entre os anos 2000 e 2005, deixaram a instituição 114 companhias. No fim de 2005, existiam 381 corporações listadas, o menor patamar dos últimos 20 anos.

Nesse mesmo período, a taxa básica de juros da economia brasileira passou de 15,75% para 18%, depois de ter batido 25% em dezembro de 2002. Nos cinco anos seguintes, a taxa Selic caiu para 10,75%. Coincidência ou não, o número de empresas listadas alcançou 471.

Nos últimos quatro anos, em que a bolsa perdeu quase 50 empresas, a taxa de juros passou de 9,25% para os atuais 15%. “Os juros têm efeito de longo prazo”, diz Souza Filho, para quem a curva deve começar a se inverter. “Isso incentivará o retorno das empresas à bolsa, só não vai acontecer do dia para a noite”, completa. **E**



Líder do setor, o iFood aposta em entregas feitas por drones

A guerra das entregas

Plataformas de delivery acirram a disputa de mercado com estratégias que vão de drone a “capacete inteligente”; a briga passa também por ações na Justiça

Matheus Almeida

A disputa de gigantes pelo mercado de delivery brasileiro segue a toda força. Seis meses após Keeta, Rappi e 99 anunciarem investimentos bilionários no país, as empresas lançaram inovações, ingressaram em novas disputas judiciais ou até ampliaram o capital investido no crescimento.

Ainda assim, parece difícil que alguma delas consiga sobrepor o domínio do iFood no país. “Não se trata de um serviço em que é fácil você entrar”, analisa o economista João Branco, professor do curso de administração da ESPM, em São Paulo. “Você precisa de escala, precisa ser grande”, completa. Para ele, no entanto, as movimentações das empresas devem render impactos logo. Branco acredita que, no curto prazo, pode haver uma queda de preços.

Entre as apostas das plataformas está a tecnologia, em variadas formas. O iFood recorre à IA generativa para pedidos subjetivos como “jantar romântico” e a expansão de entregas por drones. O Rappi foca na logística, com entregas ultrarrápidas para categorias como roupas. A 99 Food centra foco na integração de serviços, unindo em seu aplicativo os pedidos de comida, o uso de banco digital e a solicitação de corridas. E a novata Keeta, que está iniciar sua operação oficialmente no dia 30, tem como estratégia um “capacete inteligente” para os entregadores.

Mas além de melhorias nas ofertas para o consumidor, as companhias estão travando disputas jurídicas. Em agosto, a Keeta, aplicativo de delivery do grupo chinês Meituan, anunciou ter

aberto uma ação no Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) por conta de contratos de exclusividade e semiexclusividade fechados pela 99 com alguns restaurantes. Neste mês, o Rappi solicitou ingresso na ação como parte interessada.

A Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) tomou as dores da Keeta nesse caso. A entidade solicitou ingresso como terceira interessada, reforçando que “as plataformas devem competir pela preferência de consumidores e restaurantes por meio de atributos como taxas competitivas, melhores serviços e inovação, e não pela captura de canais e parceiros comerciais com o objetivo de excluir concorrentes”.

Na terça-feira, 21, a 99 Food sofreu um revés: a 3ª Vara Empresarial do Fo-

As novidades anunciadas

iFood A líder do mercado fechou parceria com a Uber. As empresas prometem integrar seus aplicativos até o fim do ano, o que tornará possível solicitar uma corrida no app de delivery e vice-versa. O iFood anunciou a adoção de IA generativa para ajudar na escolha de pedidos via comandos subjetivos como “jantar romântico”. Em Sergipe, a empresa expandiu uma entregas por drones para todos os dias da semana; o serviço pode estar em outras partes do país em breve. Outra aposta é levar pessoas aos restaurantes. Nos últimos 12 meses, o iFood movimentou R\$ 1 bilhão usando sua própria máquina de pagamentos e incentivando clientes a conhecer restaurantes próximos de sua localização.

Keeta A empresa abre sua operação pelo litoral e planeja tornar seu app disponível na capital do estado antes do fim de 2025. Em Santos e São Vicente, a companhia afirma contar com mil restaurantes cadastrados. Uma das tecnologias em que aposta é o “capacete inteligente” para entregadores. O funcionamento ainda não foi detalhado.

Rappi Segunda plataforma em números de pedidos de comida no país e presente em mais de 100 cidades, a companhia planeja exibir em campanha de marketing seus preços mais baratos. “Seguimos com a política de taxa zero para estabelecimentos entrantes e os antigos da base de modo a garantir preços mais equilibrados para o consumidor final”, informou via nota. Ela assinou contrato com a Amazon para investimentos. Há a possibilidade de que parte de suas ações sejam compradas pela companhia de Jeff Bezos.

99 Food O braço de entrega de comida do grupo chinês Didi está funcionando em três capitais: Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro. Ela busca a meta de 100 cidades até junho de 2026. O app precisa superar desafios internos, como uma falha de mais de 24 horas ocorrida recentemente. Ao ingressar no mercado, zerou taxas de restaurantes que garantem o mesmo preço no delivery e no salão.



Keeta investe em um “capacete inteligente” para entregadores

DIVULGAÇÃO

ro Central Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo declarou nulas as cláusulas de barreira incluídas em contratos de semiexclusividade firmados pelo aplicativo com restaurantes. A decisão é de primeira instância e cabe recurso.

Na sentença, o tribunal fixa multa de R\$ 100 mil por cada novo contrato firmado pela 99 Food com as cláusulas de barreira. E determina ainda que a empresa não imponha sanções no contrato com restaurantes que decidam também fazer negócio com a Keeta. A companhia negou que tenha força para barrar a entrada de rivais.

A 99 Food acabou por mover também uma ação judicial. Ela acusa a Keeta de violação de marca, já que a plataforma chegará ao país com as mesmas cores já usadas pela 99: o amarelo e preto.

“Se ficar evidenciado que o amarelo da Keeta de fato gera confusão no consumidor e que este quando vê o amarelo da Keeta pode achar que está contratando a 99, então, a Keeta pode ser obrigada até a mudar sua marca. Mas isso tem de ser provado”, afirma a advogada Patricia Agra Araújo, sócia de Direito Concorrencial e Compliance do escritório L.O. Baptista.

Segundo Fernando Moreira, especialista em Direito Empresarial e doutor em engenharia de produção, a Keeta poderia ser condenada ao pagamento de indenização por danos materiais, como pagamento dos lucros cessantes decorrentes de eventual desvio de clientela.

A Abrasel também entrou na briga com o iFood. A entidade protocolou no Cade uma representação formal contra a plataforma, alegando práticas anti-competitivas. Segundo a associação, a plataforma teria se transformado em um “ecossistema digital fechado”, impondo serviços próprios como a solução de pagamentos com taxas acima da média do mercado.

Investimento alto

Os aportes anunciados pelas empresas para disputar esse mercado são voluptuosos. O iFood, que lidera o segmento, afirma que dispõe de R\$ 17 bilhões em investimentos diretos entre abril deste ano e março de 2026. Seu objetivo é ter 80 milhões de clientes até 2028 – hoje, são 60 milhões.

A Meituan reportou R\$ 5,6 bilhões para lançar seu app no país. A companhia chinesa enfrenta um desafio significativo, já que nunca atuou no país e não tem uma base de clientes cadastrados. Na quinta-feira, 30, o Keeta será lançado nas cidades de Santos e São Vicente, no litoral de São Paulo.

A 99 Food, por sua vez, pretendia investir R\$ 1 bilhão no seu primeiro ano. Após seu lançamento oficial em Goiânia e São Paulo, a empresa dobrou o valor para R\$ 2 bilhões.

O investimento mais modesto, de R\$ 1,4 bilhão, é do Rappi. Ele conta com a vantagem de já oferecer delivery de comida em diversas partes do país. **E**

Crise humanitária, apesar da trégua

Mesmo com o cessar-fogo mediado pelos EUA, a fome, o bloqueio à ajuda e as acusações de violações mantêm a Faixa de Gaza em estado de colapso

A trégua entre Israel e o Hamas, em vigor desde 10 de outubro, não trouxe a paz esperada à Faixa de Gaza. Embora os bombardeios tenham diminuído, os relatos de violência e de violações do cessar-fogo continuam, e a situação humanitária permanece catastrófica. Desde as execuções em praça pública atribuídas ao Hamas na semana passada, que expuseram a fragilidade da ordem interna, ambos os lados trocam acusações de ataques e descumprimento dos termos do acordo. Israel alega que o grupo extremista mantém disparos e manipula a devolução de corpos de reféns como instrumento político. Já o Hamas acusa o exército israelense de incursões em áreas civis e de manter o bloqueio à ajuda externa, essencial para a sobrevivência da população do enclave.

A crise humanitária é o retrato mais cruel do impasse. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), da ONU, a fome “não diminuiu desde a trégua”, e o volume de ajuda que entra em Gaza é “drasticamente insuficiente”. O diretor-geral da entidade, Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou que a situação “continua catastrófica”, já que apenas de 200 a 300 caminhões de suprimentos entram diariamente — menos da metade do previsto pelo acordo de cessar-fogo, que previa 600 por dia. Muitas dessas remessas são comerciais. Ou seja, pesam no bolso, o que torna esses itens inacessíveis para a maioria dos dois milhões de habitantes do território.



A fome não diminuiu em Gaza desde a trégua e a situação é catastrófica, aponta a OMS

A OMS estima que reconstruir o sistema de saúde de Gaza exigirá pelo menos US\$ 7 bilhões. Dos 36 hospitais existentes, apenas 14 funcionam parcialmente, com grave escassez de medicamentos e profissionais. A guerra, iniciada em outubro de 2023 após violento ataque do Hamas ao sul de Israel, devastou a infraestrutura sanitária, e doenças infecciosas se espalham entre abrigos superlotados e sem saneamento. Em agosto, a ONU já havia declarado formalmente situação de fome em várias áreas da faixa costeira.

O cenário de colapso levou a Corte Internacional de Justiça (CIJ) — principal órgão judicial da ONU, com sede em Haia — a emitir um parecer afirmando que Israel violou suas obrigações internacionais ao restringir a entrada de ajuda humanitária. De acordo com o relatório, o governo israelense bloqueou toda a ajuda da ONU em Gaza entre 2 de março e 18 de maio. A decisão, que tem caráter consultivo, reforça que, como potência ocupante, Israel

deve garantir as necessidades básicas da população de Gaza e não pode usar a fome como método de guerra.

O tribunal também apontou que Israel não apresentou provas de que a UNRWA, agência da ONU para refugiados palestinos, tenha sido infiltrada pelo Hamas, e determinou que o país restabeleça a cooperação com as organizações de socorro. Israel rejeitou o parecer, alegando cumprir integralmente o direito internacional. O governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu proibiu a agência de operar no território.

Enquanto isso, o processo de troca de reféns segue lento e carregado de tensão. Nesta semana, Israel confirmou a identificação dos corpos de dois reféns devolvidos pelo Hamas — Aryeh Zalmanovich e Tamir Adar — elevando para 15 o número de corpos restituídos. O governo israelense exige a devolução de todos os reféns, vivos ou mortos, antes de avançar nas próximas etapas do acordo. **E**

A primeira mulher a comandar o Japão

Sanae Takaichi
foi eleita no
primeiro turno



EUGENE HOSHIKOREUTERS

Líder conservadora do Partido Liberal Democrata, Sanae Takaichi é eleita primeira-ministra após costurar uma complexa aliança política no país

O Parlamento do Japão elegeu na terça-feira, 21, pela primeira vez, uma mulher como primeira-ministra. A conservadora Sanae Takaichi, 64 anos, ex-ministra de Assuntos Internos e figura de destaque da direita no país, assumiu o comando de uma das maiores economias do mundo em um momento de instabilidade política e desafios geopolíticos crescentes.

Sanae, que havia sido escolhida no início do mês como líder do Partido Liberal Democrata (PLD), força dominante da política japonesa desde o pós-guerra, sucedeu Shigeru Ishiba, que renunciou no fim de setembro. Sua eleição foi viabilizada por um complexo acordo político.

A vitória foi garantida quando o partido costurou uma aliança com o Nippon Ishin (JIP), partido de oposição de perfil reformista. Essa aproximação assegurou o apoio necessário para a conquista de 237 votos para Sanae, quatro acima do necessário para garantir a vitória. Ela superou com folga os 149 obtidos por Yoshihiko Noda, ex-premiê e candidato do Partido Democrático Constitucional (PDC). A eleição foi definida no primeiro turno, entre os 465 parlamentares da Câmara Baixa.

Apesar de o JIP ter sido decisivo para a eleição da primeira-ministra, o partido não ocupará cargos no governo, atuando apenas como parceiro consultivo, o que indica que a nova premiê de-

penderá de negociações pontuais para aprovar suas propostas.

Com a eleição de Sanae, o Japão passa a integrar um grupo restrito de países comandados por mulheres. Hoje, são apenas 15 chefes de governo no mundo, entre elas Giorgia Meloni, na Itália, e Mette Frederiksen, na Dinamarca.

De perfil nacionalista, a premiê é conhecida pela defesa do aumento dos gastos militares e pela postura rígida em temas sociais. Sua principal promessa é revisar documentos estratégicos de defesa e elevar os investimentos militares para além de 2% do PIB até 2027, citando a crescente tensão regional com a China e a Coreia do Norte. O financiamento virá de impostos corporativos e sobre a renda e o tabaco. A primeira-ministra também promete acelerar reformas nas áreas de política externa e segurança, reforçando a aliança com os Estados Unidos.

Logo após a posse, Sanae iniciou a formação de seu gabinete e nomeou Satsuki Katayama como a ministra das Finanças. É mais uma escolha inédita, já que isso não tinha ocorrido antes na história japonesa. Ex-burocrata e economista de 66 anos, Satsuki tem duas décadas de experiência no ministério e é vista como aliada da política fiscal expansiva do novo governo. A escolha reforça o tom pragmático da premiê, que busca equilibrar crescimento econômico com responsabilidade fiscal.

Há posicionamentos de Sanae que prometem dividir a opinião pública. Ela se opõe ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, defende a sucessão imperial exclusivamente masculina e não apoia mudanças na lei que obriga casais a adotarem o mesmo sobrenome (geralmente o do marido). Mesmo sendo a primeira mulher a comandar o Japão, evita pautas ligadas à igualdade de gênero e costuma dizer que prefere ser reconhecida por sua competência e disciplina.

Se por um lado a ascensão de Sanae representa uma ruptura com a tradição política japonesa, marcada por lideranças masculinas, o perfil da premiê expõe o paradoxo de um país que celebra um feito histórico sem que a eleita abrace, necessariamente, as pautas feministas. O país ocupa apenas a 118ª posição em igualdade de gênero, segundo o Fórum Econômico Mundial. **E**

Estado de emergência e revolta popular

Protestos provocam instabilidade e repressão no Peru, após a destituição da presidente e ascensão de um governo interino

O Peru vive dias de turbulência política, social e institucional. Parte desse quadro começou a ser desenhado em 10 de outubro, quando o congresso destituiu a presidente Dina Boluarte, sob a acusação de “incapacidade moral permanente”. Em meio à escalada da violência e à perda quase total de popularidade, a ex-líder foi afastada por não conter o crime organizado e por envolvimento em escândalos de corrupção. Entre as acusações, constam o recebimento de relógios e joias não declarados e assinaturas falsificadas em decretos oficiais.

Dina havia assumido em 2022, após o fracasso do autogolpe do ex-presidente Pedro Castillo, preso no mesmo dia em que tentou dissolver o congresso. Desde

então, o país vive sob o peso de uma sucessão de governos frágeis: sete em dez anos. A destituição de Dina, longe de estabilizar o cenário, abriu espaço para uma nova onda de protestos e repressão.

Quem assumiu o poder de forma interina foi José Jerí, então presidente do parlamento. Aos 38 anos, o político conservador enfrenta resistência desde o início do mandato – ele teve uma acusação de estupro arquivada por falta de provas. Em menos de duas semanas no cargo, Jerí se viu diante de protestos massivos, greves e da explosão da indignação popular, liderada pela Geração Z, jovens entre 18 e 30 anos articulados pelas redes sociais.

Protestos já vinham sendo organizados em setembro, em Lima. Logo

se espalharam por outras cidades. As manifestações denunciavam corrupção, ineficiência das instituições e a escalada da violência urbana. Um clamor que pede o “sumiço” dos políticos ecoa pelas ruas entre jovens que não reconhecem legitimidade em nenhuma liderança das esferas de poder.

A repressão tem sido dura. Na quarta-feira, 15, a polícia atacou uma marcha pacífica no centro de Lima. O rapper Eduardo Ruiz Sáenz, de 32 anos, foi morto por um disparo de um policial à paisana. O episódio intensificou os confrontos e deixou mais de cem feridos, entre civis e policiais. Mesmo diante da pressão internacional e da indignação pública, Jerí manteve o discurso de que “pequenos grupos buscam o caos” e prometeu endurecer as medidas de segurança.

Na terça-feira, 21, o governo anunciou estado de emergência em Lima e na cidade portuária de Callao, alegando combate à criminalidade. A medida, que autoriza o uso das Forças Armadas nas ruas e suspende direitos civis, como o de reunião e a inviolabilidade de domicílio, pode durar 30 dias. Na manhã da quarta-feira, 22, militares começaram a patrulhar as duas cidades.

Segundo Jerí, o país vive “uma luta histórica contra a delinquência”. De fato, a insegurança pública se tornou um tema dominante nas conversas. As denúncias de extorsão saltaram de 2.396 em 2023 para mais de 17 mil em 2024, e os homicídios cresceram 34% em um ano, com 755 mortes apenas na região metropolitana de Lima.

O desafio imediato de Jerí é equilibrar o discurso de ordem com o respeito às instituições democráticas. Ele busca poderes legislativos especiais para aprovar medidas de segurança sem passar pelo Congresso, o que causa apreensão entre juristas e organizações civis. Enquanto isso, o parlamento, fragmentado e impopular, evita confrontos diretos com o novo governo, tentando preservar o que resta de estabilidade.

Nos próximos dias, o país deve enfrentar novas manifestações, com estudantes e sindicatos planejando marchas em Lima e Cusco. A mobilização da Geração Z continua sendo o epicentro de uma insatisfação profunda. **E**



ANGELA PONCE/REUTERS

Governo interino decretou estado de emergências nas cidades de Lima (foto) e Callao

Como roubar o Louvre

Em apenas oito minutos, quadrilha levou joias imperiais e expôs falhas de vigilância no museu mais visitado do mundo



Criminosos levaram peças da “Coleção das Joias da Coroa”, na Galerie d’Apollon



FOTOS DIVULGAÇÃO



REPRODUÇÃO

Cena do filme “Como Roubar Um Milhão de Dólares”, com Audrey e O’Toole

O sistema de videovigilância do lado externo do Louvre, admitiu a diretora Laurence des Cars, é insuficiente: há câmeras antigas e pontos cegos, inclusive a varanda usada pelos assaltantes. “Foi um ataque brutal, uma imensa ferida”, disse Laurence, que defende a instalação de uma delegacia no Louvre.

O museu foi reaberto na quarta-feira, 22. Mas a Galerie d’Apollon, uma sala decorada com folhas de ouro e projetada por Luís XIV para celebrar o “Rei Sol”, segue fechada.

O roubo envolve o colar e os brincos de esmeraldas da imperatriz Maria Luísa, segunda esposa de Napoleão; a tiara de pérolas e a coroa de diamantes e esmeraldas da imperatriz Eugênia, esposa de Napoleão III; e um conjunto de safiras e diamantes usado por Maria Amélia, rainha da França entre 1830 e 1848. A peça que ficou para trás é a coroa de Eugênia, feita em 1853 com 1.354 diamantes e 56 esmeraldas. Ela está danificada, provavelmente por ter sido retirada à força, mas é possível uma delicada restauração.

A investigação revelou que o caminhão foi obtido dias antes por meio de um falso contrato de mudança. Os criminosos fugiram em motos. Mais de cem investigadores estão mobilizados. As autoridades admitem que, se as pedras preciosas forem desmontadas e revendidas, a recuperação se tornará praticamente impossível.

O crime remete a um roubo lendário, quando a Mona Lisa foi levada pelo pintor Vincenzo Peruggia, em 1911, que queria “devolver à pátria” a obra de Leonardo da Vinci. O quadro foi recuperado dois anos depois e, desde então, é protegido por vidros blindados. Aos olhos dos visitantes, isso poderia indicar que o Louvre é um lugar seguro. Mas, como ficou claro, a segurança está mais para item do passado. **E**

Nem Audrey Hepburn, nem George Clooney em seus papéis de invasores de museus teriam bolado um plano como o que surpreendeu o mundo no domingo, 19, quando o Museu do Louvre teve oito joias roubadas numa prosaica manhã, já com as portas abertas ao público. Por volta das 9h30, quatro criminosos estacionaram um caminhão com escada mecânica sob uma fachada que dá para o rio Sena. Eles acessaram o primeiro andar, entraram por uma janela – que arrombaram –, tomaram a Galerie d’Apollon e quebraram as vitrines da “Coleção das Joias da Coroa” com uma serra elétrica.

Foram oito minutos para que eles levassem nove joias. Uma delas “caiu”

e foi encontrada depois na rua. Os valores somados das peças chegam a 88 milhões de euros (ou R\$ 550 milhões).

Os invasores usaram máscaras e coletes durante o ato (captado brevemente em câmera de celular). Não se passaram por técnicos de segurança, como acontece no filme “Como Roubar Um Milhão de Dólares”, estrelado por Audrey, junto com Peter O’Toole, ou recorreram a identidades falsas ou alta tecnologia, caso de Clooney e gangue em “Doze Homens e Outro Segredo”.

A falta de uma maior sofisticação na execução do crime, ao menos na aparência, chama atenção. O episódio reabriu uma discussão: a vulnerabilidade da segurança nos museus franceses.

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Festival Sundance prepara tributo a Robert Redford

O Festival de Cinema de Sundance fará uma homenagem especial a seu cofundador Robert Redford, que morreu em setembro, aos 89 anos. A edição de 2026, que começa em 22 de janeiro, exibirá "Os Amantes do Perigo" (1969), primeiro filme independente de Redford e inspiração para a criação do instituto e do festival. Outros eventos lembrarão seu legado. Esta será a última edição em Park City, em Utah, que ficou pequena para o evento. O festival se muda para Boulder, no Colorado.

Venezuela

Mais um ataque no Caribe aumenta tensões na região

A tensão entre a Venezuela e os EUA voltou a crescer. Na sexta-feira, 17, militares norte-americanos atacaram uma embarcação sob o argumento de que seria de tráfico em águas do Caribe, próximas à costa venezuelana. Quatro dias depois, três especialistas ligados ao Conselho de Direitos Humanos da ONU disseram que as ações podem constituir "execuções extrajudiciais" e pediram investigação internacional. A tensão ainda resvala na Colômbia, após o governo Trump classificar o presidente Gustavo Petro como "líder ilegal de drogas".

Bolívia

Com novo presidente, país investe em relações com os EUA

O presidente eleito da Bolívia, Rodrigo Paz, que venceu o segundo turno no domingo, 19, anunciou que retomará relações diplomáticas com os Estados Unidos, rompidas desde 2008 no governo Evo Morales. Político de centro-direita, Paz assume em 8 de novembro. Economista e ex-prefeito de Tarija, ele reformulou sua trajetória da esquerda à centro-direita, defendendo reformas pró-mercado. Visto inicialmente como azarão, venceu as eleições com apoio popular ao lado de seu vice, o ex-policia Edman Lara, com discurso anticorrupção. Sua campanha misturou populismo econômico com promessas de estabilidade e benefícios sociais.

Noruega

Igreja luterana pede perdão a fiéis LGBTQIA+

A igreja luterana da Noruega pediu perdão na quinta-feira, 15, pela discriminação que impôs a homossexuais no passado. O pedido foi feito pelo bispo Olav Fykse Tveit durante cerimônia no London Pub, bar símbolo da comunidade LGBTQIA+ em Oslo. O clérigo reconheceu que a igreja causou "sofrimento, vergonha e perda da fé" a muitos fiéis. Com 3,4 milhões de membros, a instituição permite, desde 2007, a ordenação de pastores homossexuais e, desde 2017, celebra casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

França

Ex-presidente Sarkozy inicia pena na prisão

O ex-presidente Nicolas Sarkozy, de 70 anos, se apresentou na terça-feira, 21, à prisão de La Santé, em Paris, onde começou a cumprir pena de cinco anos. Ele foi condenado por associação ilícita e financiamento ilegal da campanha eleitoral de 2007, com dinheiro do regime líbio de Muammar Gaddafi. É o primeiro ex-chefe de Estado francês detido desde a Segunda Guerra Mundial. Sarkozy nega as acusações, pode recorrer da sentença e já pediu liberdade condicional, prevista para réus acima de 70 anos.

Portugal

Falha em cabo causou tragédia no Elevador da Glória

A investigação oficial sobre o acidente do Elevador da Glória, em setembro, em Lisboa, concluiu que o descarrilamento foi provocado pela desconexão de um cabo defeituoso. O relatório preliminar apontou que o componente não seguia as normas da companhia de transporte CCFL. O desastre, que matou 16 pessoas (cinco portugueses e 11 estrangeiros) e feriu 20 passageiros, levou à suspensão de todos os elevadores históricos da cidade até nova inspeção de segurança.

Tudo o que você precisa saber para se tornar um doador

Quase duas mil pessoas morreram na fila de transplantes no primeiro semestre; 45% das famílias não autorizam retirada de órgãos após falecimento de parentes, mostra pesquisa da Unicamp

Vanessa Lima

A fila de transplante pode ser menor se mais pessoas informarem que desejam ser doadoras

Quase 80 mil pessoas aguardam um órgão para transplante atualmente no Brasil. Só até a metade deste ano, 1.863 perderam a vida por não conseguirem receber um órgão a tempo. Os dados são do Hospital de Clínicas (HC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo. A fila poderia ser menor, com mais desfechos positivos, se houvesse maior conscientização sobre a importância de ser doador. Outro fator que contribuiria para evitar esse quadro é a informação aos familiares sobre o desejo de ser doador. Se isso não for tornado público, a intenção não se concretiza. Segundo o HC, 45% das famílias não autorizam a retirada de órgãos para doação.

Ninguém gosta de falar ou pensar sobre a própria morte e, talvez por isso, ainda haja resistência em documentar o desejo de doar órgãos, caso seja possível. Ao se tornar doadora, uma única pessoa pode ajudar a salvar até dez vidas. Mesmo assim, o assunto é cercado de dúvidas e tabus.

Para esclarecer as principais questões sobre o tema, a médica Ilka Boin, membro do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO) e chefe do Transplante Hepático da Unicamp, explica quem é elegível e em que condições acontecem os transplantes..

Qualquer pessoa pode doar órgãos?

Sim, desde que seja saudável. Caso a família autorize a doação depois de conversar com a equipe médica, os órgãos são retirados e passam por um processo de resfriamento para que as condições vitais sejam mantidas até o transplante. A presença de infecções não controladas ou o fato de os órgãos não estarem em boas condições são impeditivos comuns.

Como funciona a doação em vida? Quais órgãos podem ser doados nesse caso?

Para a doação intervivos, são realizados exames para comprovar a compatibilidade entre doador e receptor. Geralmente, essas doações ocorrem entre pessoas da mesma família. Caso

FREEMICK

não haja parentesco, é necessário obter autorização judicial. Os órgãos mais comuns de serem doados em vida são os rins - já que temos dois - e parte do fígado, além da medula óssea. Embora menos comuns, outros órgãos (ou partes deles), como pâncreas, pulmão e intestino, também podem ser doados.

Quais órgãos e tecidos podem ser doados após a morte? Isso é feito em até quanto tempo depois da constatação do falecimento?

Quando uma pessoa tem um acometimento cerebral muito grave, os médicos já conversam com a família sobre a gravidade do caso e informam sobre a possibilidade de doação. A constatação da morte cerebral é feita por meio de exames clínicos e gráficos. Se o paciente não responde a estímulos específicos e não tem circulação sanguínea cerebral, é constatada a morte encefálica. Depois de cerca de seis ho-

ras, os testes são repetidos e o resultado é comunicado à Central de Transplantes do estado, que coordena as doações dentro do Sistema Nacional de Transplantes (SNT). A partir daí, inicia-se a captação dos órgãos. Podem ser doados fígado, pulmão, coração, intestino, pâncreas, útero e tecidos como córnea, pele e ossos.

Como registrar a vontade de ser doador?

O ideal é conversar com a família sobre o desejo de ser doador ainda em vida. Algumas pessoas deixam cartas manifestando essa vontade. Também é possível fazer um cadastro de autorização na plataforma do Conselho Nacional de Justiça, a Autorização Eletrônica de Doação de Órgãos (AEDO), disponível em www.aedo.org.br. Não é preciso assinar nenhum documento. Apenas doadores vivos precisam de autorização junto à Comissão de Ética

do hospital. Quando não há relação de parentesco entre doador e receptor, é necessária autorização judicial.

Como funciona a fila única de transplantes no Brasil?

A fila única de transplantes é regulada pelo Sistema Nacional de Transplantes, do Ministério da Saúde, e vale tanto para a rede pública quanto para a privada. A lista de espera é baseada em critérios técnicos: tipagem sanguínea, compatibilidade de peso e altura, compatibilidade genética e critérios de gravidade específicos para cada órgão. Pacientes em estado crítico têm prioridade. A impossibilidade de realizar diálise, no caso de doentes renais; a insuficiência hepática aguda grave, para pacientes do fígado; a necessidade de assistência circulatória, para cardiopatas; e a rejeição de órgãos transplantados recentemente são fatores determinantes de prioridade. Quando necessário, a ordem de chegada também serve como critério de desempate.

Algumas pessoas têm medo de que médicos deixem de tentar salvá-las para aproveitar os órgãos. Isso pode acontecer ou é mito?

É um mito. O primeiro objetivo do médico é salvar o paciente. A cirurgia para retirada de órgãos envolve cerca de 16 especialidades. Não há como um médico deixar de agir, pois há, no mínimo, outros 15 acompanhando o processo. Quando há injúria cerebral grave, o paciente está em uma UTI e o protocolo é rigoroso: tudo é registrado, constatado, assinado e revisto. Após a confirmação da morte encefálica, quem realiza a captação dos órgãos precisa, por lei, revisar todo o processo.

O corpo fica desfigurado após a retirada dos órgãos?

Não. A reconstituição do corpo é obrigatória por lei. O corpo é preparado e entregue à família em condições dignas para o funeral.

Quantas vidas um único doador pode salvar?

Até dez pessoas. Ao se tornar doador, você devolve a qualidade de vida - ou até mesmo a vida - a uma dezena de outras pessoas. **E**

Ilka Boim: um único doador pode salvar dez vidas



ANTONINHO FERRI



Reynaldo Gianecchini está na peça “Um Dia Muito Especial”, em São Paulo, junto com Maria Casadevall

DIVULGAÇÃO

“Passaram do ponto”

Protagonista da peça “Um Dia Muito Especial”, Reynaldo Gianecchini fala dos constantes ataques que sofreu ao longo de sua carreira e reforça sua sexualidade fluida

Marília Barbosa

Perto de completar 53 anos, Reynaldo Gianecchini se desafia em mais um projeto no teatro. Protagonista de “Um Dia Muito Especial”, adaptação do filme homônimo de 1977, de Ettore Scola, o ator dá vida a Gabriele, um radialista homossexual perseguido pelo regime fascista da Itália. Ao conhecer Antonietta, interpretada por Maria Casadevall, o rapaz inseguro com o seu destino transforma o dia daquela mulher invisibilizada em algo surpreendente. Apesar das proporções distintas, é possível que a vida de Gianecchini tenha imitado a arte nesse contexto, no início de sua carreira, nos anos 2000. Na época, o ator se viu no centro das atenções, positivas e negativas, após estreitar em “Laços de Família”, novela icônica da TV Globo.

Giane, como é chamado, foi duramente criticado por seu desempenho diante das câmeras e teve sua sexuali-

dade colocada à prova, sobretudo após assumir relacionamento com a jornalista Marília Gabriela, 24 anos mais velha do que ele. “Fui uma das pessoas mais atacadas que conheço. Sempre teve muita cobrança e muita especulação sobre isso ou aquilo da minha vida. Honestamente, acho que passaram muito do ponto em vários momentos”, declarou para “IstoÉ Gente como a Gente”, projeto que aborda o lado espontâneo de personalidades brasileiras.

Nesta conversa, Giane explicou como construiu seu personagem em “Um Dia Muito Especial” – em cartaz no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo –, recordou relacionamentos e abordou sua orientação sexual, dizendo ser uma pessoa fluida, em que a atração por diferentes gêneros pode mudar ao longo do tempo, não por confusão, mas como uma manifestação natural da vivência.

Você tem apostado bastante no teatro nos últimos anos. Qual o motivo do foco?

Minha carreira começou no teatro. Estreei com o Zé Celso [Martinez, emblemático dramaturgo, ator e diretor] e depois fui parar na televisão meio por acaso; nem era meu sonho fazer novela. Nunca deixei de fazer teatro, na verdade. De uns tempos para cá, minhas peças têm conseguido uma comunicação em outro lugar. Fiquei muito feliz com as últimas que fiz: “A Herança”, “Brilho Eterno”, “Priscila, Rainha do Deserto”. Essas tiveram uma comunicação muito linda. O que a gente mais almeja é atrair o público. Teatro é a coisa mais linda de fazer, porque você sente na hora a resposta do público. O palco é o lugar de crescimento absoluto do ator. Amo fazer tudo, adoro o audiovisual também, mas o teatro é um desafio gigante e um compromisso muito sério. Lá, não tem edição. É você.

Quais as características do seu personagem em “Um Dia Especial”?

Esse é um projeto em cima de um filme italiano com Marcello Mastroianni e Sophia Loren. Eu estava na Itália, vendo biografias da Sophia e documentários do Marcello quando Alexandre Reiné, diretor da peça, me falou do projeto e me convidou. Acabei de tirar a cidadania, estava falando italiano. Já conhecia o filme e já o adorava. Os personagens estão no dia em

que Hitler chega à Itália e é recebido com todas as pompas e circunstâncias pelo povo fascista. Esses dois personagens são opostos [ao regime]. Ele é um homem antifascista. Ele é um homem gay perseguido e provavelmente vai ser morto, porque o fascismo matava os gays. E ela é uma mulher inserida no contexto do fascismo. É fascista, como todo mundo lá. Só que os dois são muito solitários. Ela é uma mulher invisibilizada, marcada pelo machismo daquela época, traída. Quando eles se encontram, tem uma troca muito linda. Para mim, a beleza da peça é que eles se escutam, além da importância pelo contexto social e político, para mostrar como estavam vivendo.

Já teve esse olhar de compaixão por alguém que pensava diferente de você?

Faço muito esse exercício, porque parto do princípio de que nada é absoluto. Acho que sei muito pouco. Acho que várias fichas caem ao longo da vida. Agora que estou chegando a uma fase mais madura, eu me pergunto, por exemplo, como não entendia algumas coisas nos meus 20 anos, nos meus 30 anos? A gente vai adquirindo consciência sobre as coisas com o tempo, diante das circunstâncias, das trocas, das pessoas, dos acontecimentos. Cada um tem o seu tempo para entender. A gente nunca pode cobrar do outro.

Como é ter essa consciência após ser julgado a vida toda?

Fui uma das pessoas mais atacadas que eu conheço. Sempre falaram de tudo da minha vida, desde a parte profissional até a pessoal. Isso me fez criar uma casca de certa forma. E, às vezes, quanto mais as pessoas falam mal ou questionam minhas escolhas, mais eu quero fazer. Demorei um tempão para eu entender quem eu era. E sempre teve muita cobrança e muita especulação sobre isso ou aquilo da minha vida. É muito cruel isso: você tentar forçar as coisas nas pessoas. É cruel também a mentirada que contam sobre a sua vida. Honestamente, acho que passaram muito do ponto em vários momentos, sobre histórias que andaram falando sobre a minha vida que não tinham a menor relação com a verdade.

Como vê o fascínio das pessoas em quererem saber da sua intimidade?

Entendo que, quando se trabalha com a magia, está implícito que você causa fantasia. Acho um pouco desagregante expor com quem você está transando. Isso não devia interessar a ninguém. Quanto mais a troca fica entre as duas pessoas, há mais acolhimento. Você pode confiar mesmo que está vivendo uma experiência a dois. Você pode acolher mais e ser acolhido.

E quando você se relaciona com alguém também famoso, como foi com a Marília Gabriela?

Era uma loucura, porque dobra a curiosidade das pessoas. Durante os nossos oito anos e tanto, a gente tinha uma coisa muito fechada, uma união muito gostosa. Aquela época foi a em que me senti mais protegido dentro de uma estrutura assim. Depois que terminei meu casamento, eu me senti muito sem escudo. Eu me senti sem saber lidar com a invasão: todo mundo queria saber como era a minha vida de solteiro.

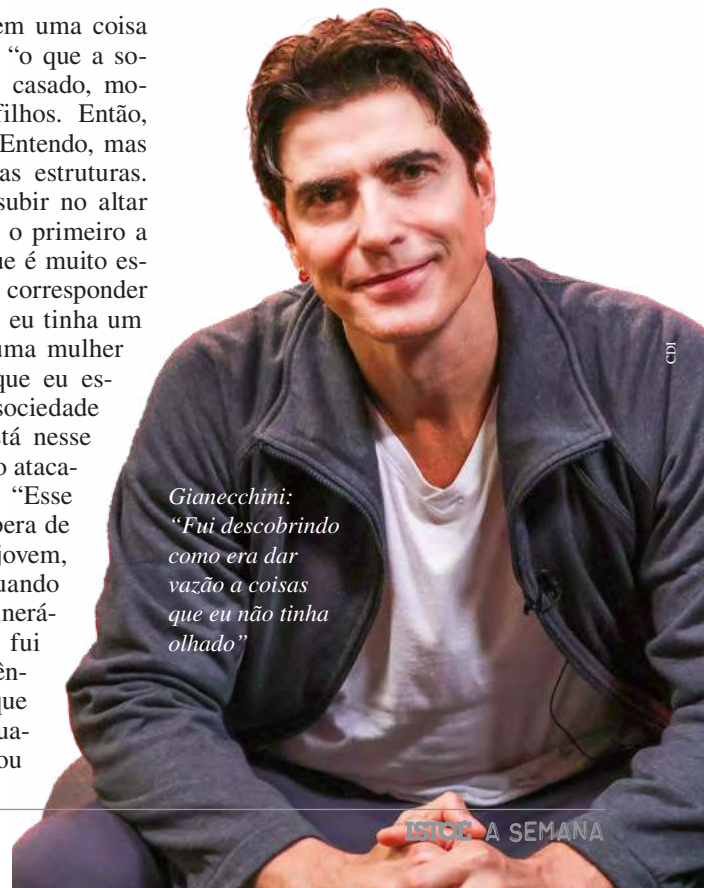
Essa proteção vinha de estar em um relacionamento com uma mulher, que era o que as pessoas esperavam de você?

Inegavelmente que tem uma coisa de quando você cumpre “o que a sociedade espera”. Você é casado, modelo de sucesso, tem filhos. Então, você cumpre um papel. Entendo, mas sempre fui de quebrar as estruturas. Nunca tive vontade de subir no altar e falar: “Ah, casei”. Sou o primeiro a querer quebrar tudo o que é muito estabelecido. Eu não quero corresponder a nada. Nesse caso, sim, eu tinha um casamento hétero com uma mulher bem-sucedida. Parecia que eu estava cumprindo o que a sociedade espera. Quando você está nesse lugar, você é muito pouco atacado. É como se falassem: “Esse lugar é o que a gente espera de você”. Talvez, eu, como jovem, me senti acolhido ali. Quando perdi isso, me senti vulnerável. Até porque depois fui expandir a minha consciência sobre tudo. Conte que descobri que minha sexualidade é fluida. Demorou

um tempão para também entender que estava tudo bem. Fui descobrindo como era dar vazão a coisas que eu não tinha olhado e tentar entender melhor os meus desejos e parar de corresponder ao sonho coletivo do homem, casado, que vai ter filho. Isso é uma estrutura que você tem de quebrar. É difícil no começo. Mas é legal quando você consegue ter maturidade de olhar para isso e até falar sobre isso. Gosto de falar da liberdade de poder ser, mas nunca vou dar exemplos do que estou vivendo na minha sexualidade.

Você faz acordo com a pessoa com quem você está se relacionando?

Nunca fiz acordo de nada. Sempre procurei ter diálogo para que seja uma coisa de confiança e para estabelecer que é uma relação feita a dois. Na verdade, estou há muito tempo sem me relacionar. Nem lembro direito mais o que é me relacionar em um casamento. Adoro a troca, gosto muito do afeto e procuro ter coisinhas que alimentam o coração; estou sempre disposto a trocar. Mas me relacionar mesmo faz muito tempo que não tenho essa troca mais profunda. Acho que não tive mais esse encontro de almas. **E**



*Gianecchini:
“Fui descobrindo
como era dar
vazão a coisas
que eu não tinha
olhado”*

Música para salvar vidas

O rapper Dexter prepara seu novo álbum, que expõe sentimentos e lida com dores comuns a muitos brasileiros

Lena Castellón

Um dos maiores nomes do rap brasileiro, Dexter está com projetos novos que revelam um lado pouco demonstrado pelos grandes nomes do gênero: a fragilidade. Normalmente, a imagem que esses artistas projetam é de resistência e certa braveza ante as mazelas já enfrentadas nas quebradas da vida. Lágrimas e emoções, porém, estão expostas nesta fase do rapper, como consta na letra do single “Vida que Segue”, que chegou às plataformas digitais na semana passada e ganhou videoclipe no domingo, 19.

A nova música é uma amostra do que virá em 2026, com o álbum de estúdio “Frustrações, Dogmas, Convicções”, o primeiro desde “Flor de Lótus”, de 2015. “Ele pretende atingir aqueles que precisam de um sopro de esperança para passar por momentos difíceis e que não têm recursos para se tratar. É, sobretudo, para os nossos, que estão precisando”, declarou Dexter.

“Vida que Segue” retrata uma parte da vida do artista. O videoclipe, dirigido por João Wainer, jornalista, fotógrafo e cineasta com uma importante produção documental, abre com Dexter sendo entregue ainda bebê por sua mãe biológica para a mulher que se tornaria sua mãe de criação, Marina. A história é

real e foi revisitada pelo rapper, agora com outro olhar, um exercício que contou com a ajuda de Preta Ferreira, ativista e multiartista. No clipe, ela interpreta a mãe biológica, mas de modo a indicar que ela também viveu dores, como a do abandono, até tomar a decisão de confiar o filho a outra mulher negra.

Ao apresentar o clipe em lançamento feito na Ocupação Nove de Julho, no centro de São Paulo, Dexter não conteve a emoção. “Não julgo ninguém. Trago a minha história como referência. Ela se equivale à de milhares de jovens da periferia, especialmente os negros”.

O clipe mostra Dexter adolescente e adulto. A mãe adotiva do cantor é interpretada pela atriz Mônica Nega. O músico Carlos Dafé, pioneiro do soul brasileiro, faz o pai do rapper. O ator Nego Bala faz o jovem Dexter, que atravessa momentos difíceis, mas descobre também a música dos Racionais MC’s e a história de Malcolm X. Tudo é acompanhado no vídeo pelo Dexter de hoje, 52 anos e 35 anos de carreira. Ao final, o artista sai de cena enquanto se ouvem os aplausos de quem conhece sua trajetória.

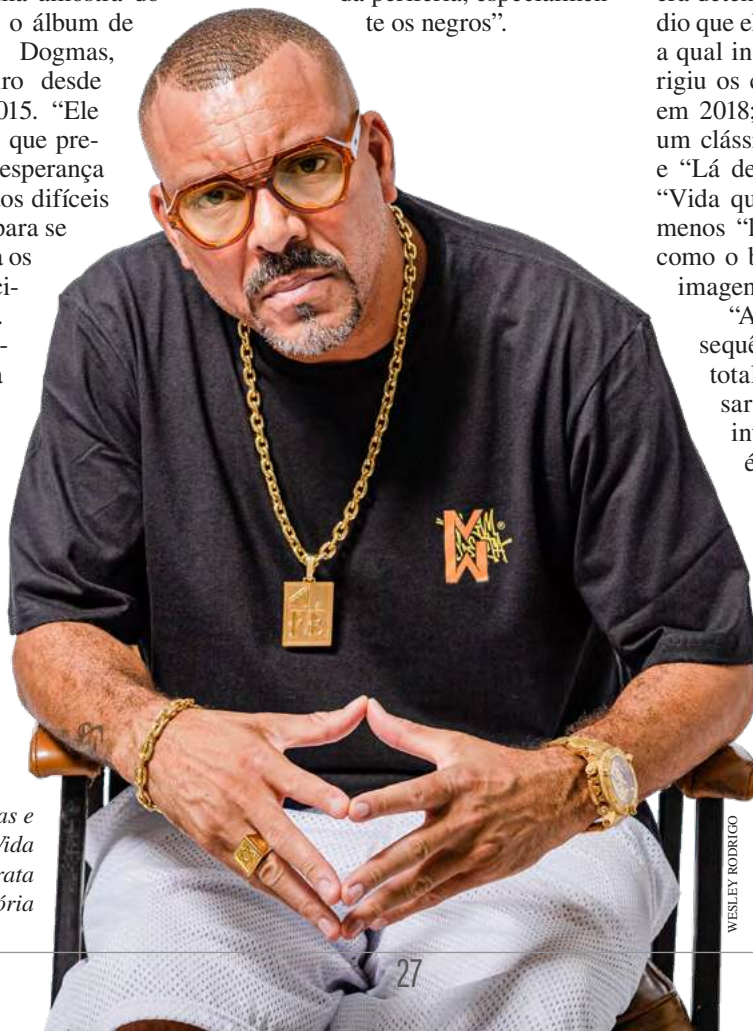
Dexter, que está escrevendo um livro autobiográfico – a ser lançado em 2026 –, deseja que suas canções levem outras pessoas a refletirem a respeito dos percalços vividos. “A cultura hip hop salvou minha vida. O que eu quero com minha música é exatamente isso. Quero cuidar de alguém por meio das minhas letras”.

Este é o quarto clipe de Dexter com a direção de Wainer, que conhece o artista desde 1999. Nessa época, o rapper era detento no Carandiru – foi no presídio que ele formou o grupo 509-E, com a qual iniciou sua carreira. Wainer dirigiu os clipes “Síndrome do Pânico”, em 2018; “Voz Ativa” (regravação de um clássico dos Racionais), em 2020; e “Lá de Onde eu Venho”, em 2021. “Vida que Segue” traz uma narrativa menos “literal” e recorre a elementos como o beat da música e camadas de imagens para construir a história.

“A gente tentou mostrar as consequências que um ambiente de total vulnerabilidade podem causar em uma criança. Na nossa interpretação, a cena da adoção é o verdadeiro nascedouro do ‘oitavo anjo’ que a gente conhece hoje”, conta Wainer, referindo-se a maneira como Dexter é conhecido.

“Oitavo Anjo” é um hit de Dexter, que traz um refrão cantado em todos seus shows: “Acharam que eu estava derrotado. Quem achou estava errado”. Em sua nova fase, o rapper destaca: “Que as cadeias do meu passado não interfiram no meu futuro”. **E**

Dexter fala de feridas e conquistas em “Vida que Segue”, que retrata parte de sua trajetória



WESLEY RODRIGO

Futebol bilionário

Na lista dos dez jogadores mais bem pagos do mundo, só há um brasileiro: Vini Jr. No topo, está Cristiano Ronaldo

Ismael Jales

O mundo do futebol nunca viu tanto dinheiro. Somados os ganhos dos dez atletas mais bem pagos do planeta, chega-se perto da casa do US\$ 1 bilhão. Ou mais precisamente: US\$ 945 milhões. É o que mostra o ranking dos maiores salários do universo boleiro organizado pela Forbes, divulgado na semana passada. Com rendimentos que chegam a US\$ 280 milhões (R\$ 1,52 bilhão) por ano, Cristiano Ronaldo, eleito melhor jogador do planeta em cinco ocasiões e atualmente defendendo as cores do Al-Nassr da Arábia Saudita, é o craque no topo dessa lista.

O português recentemente se tornou o primeiro bilionário da história do futebol. Ele é um dos astros da bola que faz parte do movimento de grandes jogadores que deixaram os campeonatos europeus rumo à liga dos sauditas, jornada que ganhou força a partir de 2023. Lá são oferecidas cifras estratosféricas para atrair o interesse dos atletas.

Cristiano Ronaldo, ex-atacante de Real Madrid, Manchester United e Juventus, acumula um patrimônio líquido estimado em US\$ 1,4 bilhão (cerca de R\$ 7,5 bilhões), de acordo com a Bloomberg. Com isso, o craque português alcança mais um feito histórico: é o primeiro bilionário da história do futebol.

Conhecido como CR7, o astro é uma verdadeira máquina de fazer dinheiro. Além dos salários milionários ao longo da carreira, ele multiplica sua fortuna com contratos de patrocínio de marcas como Nike e Armani, e com

uma rede de negócios que vai de perfumes a hotéis de alto padrão.

Na lista dos dez jogadores que mais faturam no mundo, três atuam no futebol da Arábia Saudita. Além de Cristiano Ronaldo, estão o senegalês Sadio Mané, ex-atacante do Liverpool e atual jogador do Al-Nassr, e para o francês Karim Benzema, ídolo do Real Madrid que hoje atua pelo Al-Ittihad.

A Europa ainda é quem tem mais jogadores no Top 10. Ao todo, são seis: Kylian Mbappe (Real Madrid), Erling Haaland (Manchester City), Mohamed Salah (Liverpool), Jude Bellingham (Real Madrid), Lamine Yamal (Barcelona) e Vinicius Junior (Real Madrid).

Único brasileiro na lista, Vini Jr. ocupa a sexta posição no ranking da Forbes com ganhos estimados em US\$ 60 milhões (R\$ 326 milhões)

na temporada 2025/26. O camisa 7 do time merengue consolidou-se como uma das principais estrelas do futebol mundial e também como um fenômeno de marketing.

Fora do ranking pela primeira vez em muito tempo, Neymar Jr teve queda nos rendimentos após rescindir com o Al-Hilal e retornar ao Santos. Seus ganhos atuais giram em torno de US\$ 38 milhões, bem abaixo dos US\$ 110 milhões da temporada anterior.

A ascensão meteórica de Yamal, 18 anos, também chama atenção na lista. Após uma temporada de destaque em 2024-25 pelo Barcelona (com 18 gols e 25 assistências) e ajudar a Espanha a vencer a Eurocopa, os ganhos anuais do jovem atleta atingiram US\$ 43 milhões, impulsionados por novos patrocinadores como Beats by Dre – que se juntou a Adidas, Konami e Powerade. O Barcelona recompensou Yamal com um contrato até 2031, após o clube conquistar a tríplice coroa espanhola, e lhe entregou a icônica camisa 10, anteriormente usada por Messi. **E**

Os 10 jogadores mais bem pagos do mundo

Em dólares

Cristiano Ronaldo (Al-Nassr)	280 milhões
Lionel Messi (Inter Miami)	130 milhões
Karim Benzema (Al-Ittihad)	104 milhões
Kylian Mbappé (Real Madrid)	95 milhões
Erling Haaland (Manchester City)	85 milhões
Vini Jr. (Real Madrid)	60 milhões
Mohamed Salah (Liverpool)	55 milhões
Sadio Mané (Al-Nassr)	54 milhões
Jude Bellingham (Real Madrid)	44 milhões
Lamine Yamal (Barcelona)	43 milhões

Vini Jr. tem ganhos de US\$ 60 milhões;
Cristiano Ronaldo, US\$ 280 milhões

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM





Globo transmitirá 15 GPs na TV aberta e todas as corridas e treinos na TV paga e no streaming

CLIVE MASON

Motores aquecidos

No Brasil, a F1 retorna para a Globo; nos EUA, Apple TV acerta contrato de cinco anos para transmitir a categoria mais famosa do automobilismo

Os fãs de Fórmula 1 no Brasil vão voltar a acompanhar as disputas da principal categoria do automobilismo pela Globo. A emissora confirmou as tratativas com a Liberty Media, que detém os direitos de transmissão da modalidade, e anunciou na semana passada que retomará a exibição das corridas na temporada 2026. Até a última prova deste ano – o Grande Prêmio de Abu Dhabi, em 4 de dezembro –, o público assistirá o campeonato deste ano pela Band.

Com validade até 2028, o acordo da Globo prevê a exibição de 15 GPs na TV aberta e a totalidade das 24 corridas da temporada, além dos treinos livres, classificações e corridas sprint, no canal por assinatura SporTV e na Globoplay (streaming). A plataforma oficial

da categoria, F1 TV Pro, também permanecerá disponível no país, por meio de parceiros como a Claro.

O retorno da F1 à Globo, que deixou de transmitir o campeonato em 2021, após 40 anos exibindo as provas, já conta com pacote comercial que pode conferir à empresa um montante superior a R\$ 750 milhões (sem contar os descontos normalmente oferecidos nesses tipos de negociações na mídia). São seis cotas, cada uma valendo pouco mais de R\$ 125 milhões.

O Brasil é um dos principais mercados da F1, transmitida para mais de 180 países. E agora a expectativa é fazer com que a popularidade do esporte cresça entre o público dos Estados Unidos a partir do contrato que a Apple TV acabou de fechar com os organizadores

do campeonato. O presidente e CEO da Fórmula 1, Stefano Domenicali, formalizou um acordo de cinco anos com a big tech para a transmissão, com exclusividade, das provas a partir da temporada de 2026. Com isso, a companhia também fortalece seu portfólio de competições ao vivo em sua plataforma.

A Apple vai investir US\$ 750 milhões (cerca de R\$ 4,07 bilhões na cotação atual), ou um investimento médio de US\$ 150 milhões por ano, pela exclusividade de transmissão das corridas. O valor supera de forma expressiva o contrato anterior detido pela ESPN (do grupo Walt Disney), que pagava cerca de US\$ 90 milhões por temporada desde 2018.

É a primeira vez que a Apple faz uma aposta financeira tão robusta na aquisição de direitos de transmissão de grandes eventos esportivos, sinalizando um ponto de inflexão na sua estratégia de entretenimento. Na linha esportiva do streaming estão a Major League Soccer (MLS) e o Friday Night Baseball.

A F1 ganhou impulso nos Estados Unidos por produções como a série documental “Drive to Survive”, que é da Netflix. Também entra na conta o sucesso de bilheteria do longa “F1 – O Filme”, bancado pela Apple e estrelado por Brad Pitt. A produção amealhou mais de US\$ 628 milhões globalmente.

Em comunicado, Domenicali afirmou que a parceria com a Apple irá garantir meios de maximizar o potencial de crescimento do circo da Fórmula 1 nos Estados Unidos “com o conteúdo certo e canais de distribuição inovadores”. O executivo destacou que eles não são estranhos, já que foram dedicados três anos para a produção do filme dedicado à categoria mais famosa do automobilismo no mundo.

Pelo contrato, a Apple transmitirá treinos livres, classificações, corridas Sprint e GPs. Algumas corridas e treinos estarão disponíveis como degustação para os interessados. A companhia também pretende integrar a cobertura da F1 a seu ecossistema de serviços, como Apple News, Apple Music e Apple Sports. O sistema do F1 TV Premium, streaming próprio da categoria, continuará existindo nos Estados Unidos, mas será acessível apenas por meio da assinatura da Apple TV. **E**

O jogador perfeito

No beisebol atual, só se fala do japonês Shohei Ohtani, astro do Los Angeles Dodgers e que realizou um feito impensável

Imagine um jogador de futebol que, numa partida, defendesse pênaltis, bloqueasse atacantes adversários, marcasse três gols de placa e comandasse o time à decisão do campeonato. Algo impensável, mas, de certa forma, isso ocorreu na sexta-feira, 17, em Los Angeles, em outro esporte. O protagonista desse feito foi Shohei Ohtani, astro japonês do Los Angeles Dodgers, que transformou um jogo de beisebol em espetáculo para entrar na história.

O embate valia o título da Liga Nacional, equivalente a uma semifinal do torneio principal da Major League Baseball (MLB), a liga profissional

dos Estados Unidos. O adversário era o Milwaukee Brewers, dono da melhor campanha da temporada. Os Dodgers tinham feito 3 a 0 na série e precisavam de uma vitória para carimbar a vaga na World Series, a grande final da MLB.

Ohtani entrou em campo sob pressão – afinal, muito se espera dele. Saiu consagrado. Durante seis entradas (espécie de sequência de rodadas em que o time tenta eliminar os rebatedores adversários), o japonês de 31 anos impediu qualquer reação do Brewers. Eliminou dez jogadores com lançamentos acima de 160 km/h e não permitiu nenhuma corrida. Só isso já seria uma atuação

histórica. Mas Ohtani também foi ao bastão e acertou três rebatidas para fora do estádio, os chamados home runs, garantindo para seu time a vitória por 5 a 1 e o título da conferência. Nenhum atleta havia feito algo semelhante em 83 anos de beisebol profissional.

Para os torcedores dos Dodgers, foi uma noite perfeita. Para os japoneses, foi mais uma prova de que seu maior ídolo esportivo desde Ichiro Suzuki, uma lenda no beisebol, transcendeu o campo.

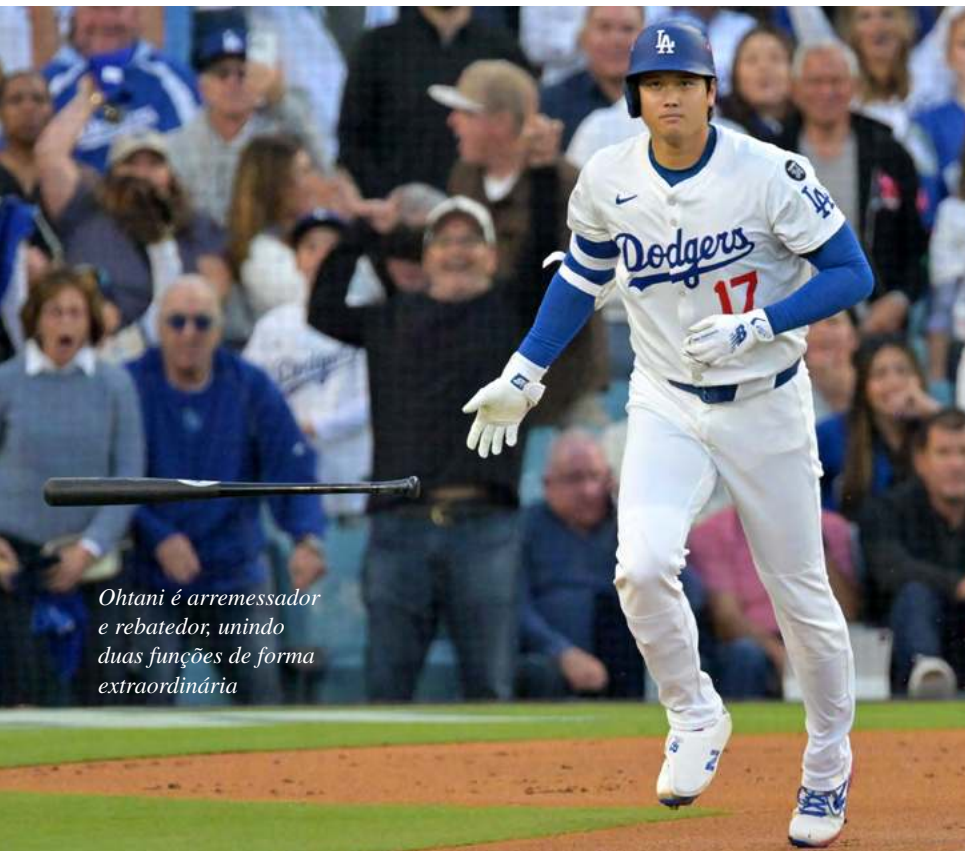
O astro dos Dodgers é conhecido como o “atleta dos dois mundos”. Isso quer dizer que ele é arremessador e rebatedor, algo raro de ser executado bem por um único jogador, exceto se ele se chamar Shohei Ohtani. Voltando à analogia com o futebol, é como se ele fosse Pelé e Taffarel juntos.

É preciso destacar que esse papel duplo desempenhado por Ohtani é ainda mais fascinante na MLB moderna. No passado, já houve atleta que atuasse como arremessador e rebatedor titular, mas em nenhuma vez isso foi decisivo. As funções exigem preparo físico, técnica e concentração distintas.

Nos Estados Unidos desde 2018, a fama do atleta japonês foi crescendo a tal ponto de concretizar o maior contrato da história do beisebol em 2024 ao assinar com os Dodgers: US\$ 700 milhões por dez anos (o equivalente a mais de R\$ 3,7 bilhões). Metade desse montante será pago apenas na década seguinte, quando talvez ele já tenha se aposentado. Isso porque as duas partes entraram em acordo para contornar taxas milionárias de impostos. Ainda assim, o acerto tem sido lucrativo para o jogador e para o time: as vendas de camisas explodiram no Japão e o público asiático transformou o time californiano em uma potência global de marketing.

Em campo, ele responde à altura. No ano passado, tornou-se o primeiro jogador da MLB a combinar 50 rebatidas de longa distância e 50 bases roubadas, combinando força e velocidade.

Os Dodgers chegaram novamente à World Series, onde enfrentarão o campeão da Liga Americana, o Toronto Blue Jays, numa série de até sete jogos pelo título máximo do beisebol. Se vencer, Ohtani repetirá o título de 2024 e consolidará uma das carreiras mais extraordinárias já vistas no esporte. **E**



Ohtani é arremessador e rebatedor, unindo duas funções de forma extraordinária

JAYNE KAMIN-ONCEA



Para Troisgros, o melhor restaurante do mundo é aquele que tem fila na porta

TOMÁS RANGEL

Profissão: cozinheiro

Com DNA fincado na gastronomia, Thomas Troisgros reflete sobre o ofício e sobre os negócios que conduz, do T.T. Burger até o Oseille, sua cozinha “de laboratório” estrelada

Beatriz Mizuno

Aos 43 anos, Thomas Troisgros é cercado por nomes de peso em sua carreira – a começar por seu próprio sobrenome. Descendente da família que fincou bandeira na história da gastronomia contemporânea com a criação da Nouvelle Cuisine Française, em meados de 1970, o cozinheiro dá a seu estilo de cozinha e aos seus restaurantes uma identidade própria: a mistura entre Brasil e Europa, alta gastronomia e comida de rua e “fine dining” e “fun dining”.

Seu rosto estampa nove empreendimentos: alguns, como chef; outros, como restaurateur, ofício que adotou aos

40 anos. Dentre os mais conhecidos, Oseille, que serve menu degustação no jantar e recebeu a primeira Estrela Michelin em 2025, após um ano de operação; Toto, restaurante nos moldes dos “neobistrôs” parisienses; e T.T. Burger, hamburgueria com 14 lojas pelo Brasil. Há, ainda, o Tijolada, primeiro bar de Troisgros, aberto pelo cozinheiro com a esposa, Diana Litewski; e as operações do Le Blond e Boucherie.

Troisgros prefere ser chamado de “cozinheiro” em vez do tradicional “chef”. Nesta entrevista, ele reconhece o legado da família e confessa que, por vezes, isso já o fez sentir medo.

Por que você prefere ser chamado de cozinheiro em vez de chef?

Na cozinha, você é cozinheiro ou confeitador e vai subindo na “escadinha” até virar chef. Chef é uma brigada. O sistema de cozinha ainda é um sistema militar e o chef é o comandante. Quando ele sai da cozinha, quem assume é o subchef. A profissão é cozinheiro; chef é o cargo que você uma hora atinge sendo um bom cozinheiro e subindo nos rankings. Essa é a grande separação que gosto de fazer. Eu sou cozinheiro. Se eu não tiver mais restaurante, deixo de ser chef. Falar “chef” é mais bonito, mas eu tenho orgulho de ser cozinheiro. Não tem de ter vergonha.

Seu sobrenome já te trouxe dificuldades na carreira?

O meu sobrenome abre e fecha portas. Tive acesso a muitos lugares. Em outros, encontrei chefs e cozinheiros que queriam competir comigo e mostrar que [tenho] “só um sobrenome”. Sim, é só um sobrenome que carrego, mas preciso criar minha história e aprender a cozinhar também. Houve um episódio na faculdade, no qual meu colega de equipe fez tudo errado e a gente tirou zero porque o lado dele não foi entregue. Eu entreguei minha parte, mas, como equipe, a gente falhou. E aí o chef disse: “Você está falhando porque seu time não conseguiu fazer. Você deveria ter chefiado ele, você deveria saber tudo”. Eu não engoli isso a seco, olhei para a cara dele e falei: “Se eu soubesse de tudo, não estaria aqui estudando”. Ele me mandou sair da sala, obviamente, eu tirei zero e tive de refazer a matéria inteira. A matéria era garde manger [organização para pratos frios]. Para piorar, foi a praça que mais fiz desde os 12 anos, quando comecei a estagiar, até chegar à faculdade [risos]. Depois, descobri que esse chef já tinha trabalhado com meu pai [Claude Troisgros], foi mandado embora e tinha algum rancor comigo. Quando fui refazer a matéria, mudou o lado da moeda. O outro chef, no primeiro dia de aula, me disse que estagiou em um restaurante em Londres onde meu avô [Pierre Troisgros] prestou consultoria. E falou: “Eu faço questão de te ensinar tudo o que sei, porque o seu avô fez isso comigo”. Então, abrem-se portas, fecham-se

Estilo de vida



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

portas, e você vai aprendendo. Tudo é aprendizado. Tive muitos chefes duros comigo e hoje agradeço, porque eu sou o cozinheiro que sou graças a eles.

Em algum momento, cogitou não ser cozinheiro? Teve medo?

Sim. Tive medo de não conseguir... A barra estava alta, né? Meu avô colocou a barra lá em cima, meu pai também. Não tenho pretensão de chegar à barra deles, mas tenho a pretensão de ser um bom cozinheiro, com negócios que funcionam, respeitado pelo meu setor, e de entregar boa comida. Mas já tive crises de querer sair da cozinha, já quis ser padeiro, fazer outras coisas para fugir da comparação.

Acredita que o cenário da gastronomia no Brasil e no mundo tenha mudado nos últimos anos?

O cozinheiro virou rockstar, né? Está na televisão, em congressos. Muitos viraram celebridades. A profissão mudou muito. Óbvio que a era digital acelerou muito isso, mas o meu avô e o Paul Bocuse mudaram o estado do cozinheiro. O cozinheiro só cozinhava, botava a comida numa travessa, mandava para o salão e o garçom que empilava. Meu avô foi o primeiro cozinheiro a empilhar na cozinha, desenhar os pratos, botar a mesma quantidade de molho, e isso já foi uma revolução. E o Paul Bocuse trouxe o marketing, inventando a pose de chef e colocando a bandeira da França na gola. Com a era digital tudo mudou, mas o meu avô sempre me falou: “Não se esqueça, nós somos os cozinheiros — somos apenas artesões, não artistas”.

Atualmente, qual é o reconhecimento máximo para um cozinheiro?

Fila na porta e negócios replicando. Prêmios são bons, mas massageiam o ego. O que te diz que [o negócio] está indo para a frente, no caminho certo, é ter as pessoas voltando.

Como você define seus empreendimentos? O que te motiva a transitar entre conceitos tão diferentes em cada um deles?

A primeira coisa é que comida, de um boteco ao [restaurante] estrelado, ou é bem feita ou mal feita. Essa é a premissa. Só quero ingredientes de qualidade: no T.T. [Burger], a gente tem os mesmos fornecedores de hambúrguer do meu restaurante de carnes [CT Boucherie]. O frango que uso no Tijolada é o mesmo dos meus restaurantes. O que muda, às vezes, é a simplicidade do produto. Meu avô me ensinou que complicar uma receita é fácil. Eu quero ver você pegar três, quatro ingredientes e botar num prato e o negócio ser incrível. A criatividade se exercita. Às vezes, você pode criar um âmbito mais descontraído e conseguir levar essa ideia pro fine dining, e vice-versa. A cozinha do Oseille é minha cozinha “de laboratório”, e eu consigo levar isso para os outros. Eu tento sempre ter essa troca para manter a criatividade, exercitar esse pensamento e mesclar ideias e conceitos diferentes.

Ter de empreender, além de cozinhar, é um fardo ou um ganho?

Ganho. Eu fiz uma faculdade americana para entender de empreendedorismo e poder saber quais negócios são replicáveis. O T.T. Burger é a minha marca mais replicável. Abri também negócios únicos, como o Oseille e o Toto, que é um case: tem dois anos e nunca mudei um item no cardápio.

Existem diferenças em sua expressão culinária em cada restaurante?

Eu me expresso da mesma forma em todos. Só que um é via hambúrguer, em outro é via comida de boteco, em outro é via carnes. Aí, tem Oseille, que é via degustação — mas o meu em-

penho para entregar é o mesmo. Eu só mudo o veículo de entrega. A premissa absoluta é comida gostosa, tem de estar bem feita. Não importa se é um pão, carne e queijo ou se é um prato com abelhas, mel de Jataí e vinagre de café feito na casa. Óbvio que o Oseille tem uma cozinha mais de pesquisa, mas a premissa é ser gostosa. Se a pesquisa sair errada, não adianta. Agora, me expressar... Eu quero que você morda e fale: “Nossa senhora, o que é isso?” Esse é o meu objetivo final em qualquer negócio.

Há algo que você gostaria que as pessoas soubessem sobre você e sobre ser chef?

Ser chef é muito bom. Cozinheiro cozinha na cozinha dele, não em casa. Faço coisas simples em casa, porque a beleza da cozinha está na simplicidade e em um bom produto. Óbvio que a gente elabora mais nos restaurantes e faz de tudo uma alquimia. Uma vez me perguntaram qual é o melhor restaurante do mundo. Primeiro, é aquele que está com fila na porta. Segundo, quem está na mesa com você é responsável por 50% a 60% da sua experiência. Dito isso, uma das coisas que eu mais faço é sair com a minha esposa para tomar uma taça de vinho, comer dois pratinhos e ir embora. O que a gente ama nisso é a companhia que faz a experiência ser incrível. **E**



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



Com o revestimento tecnológico, o carro-conceito produz energia continuamente, mesmo desligado

MERCEDES-BENZ GROUP AG

"Batmóvel" solar

Vision Iconic, carro-conceito da Mercedes-Benz, tem módulos fotovoltaicos aplicados na pintura, que transformam a carroceria em uma grande célula de energia

Mauro Balhessa

Ele parece um Batmóvel – principalmente o dos filmes de Tim Burton, em “Batman” (1989) e “Batman: O Retorno” (1992). A frente iluminada e a silhueta do novo carro-conceito da Mercedes-Benz levam os fãs do “Homem-Morcego” a encontrar semelhanças com o modelo da ficção. Mas o Vision Iconic, apresentado na semana passada pela montadora alemã, traz um elemento inovador fora do roteiro do cinema: ele tem uma pintura que carrega a bateria do veículo.

A Mercedes-Benz destaca que o carro-conceito exibido na unidade de design da montadora em Xangai (Chi-

na) simboliza a liberdade criativa de pensar além do convencional, “representando um impulso visionário que abre novas perspectivas e constrói uma ponte entre o passado e o futuro”. Por fora, a estética é retrô. Porém o modelo vem equipado com tecnologia de ponta.

“Inspirado na era de ouro do design automotivo dos anos 1930, este carro-conceito incorpora a pura essência da Mercedes-Benz. Com seu capô conferindo-lhe uma presença majestosa, linhas fluidas e esculturais e um toque de Art Déco, ele se eleva para se tornar um verdadeiro ícone da beleza automotiva. O interior com seu banco inteiriço

e a traseira elegante evoca memórias do lendário 300 SL”, declarou Gorden Wagener, diretor de design do Mercedes-Benz Group AG, referindo-se ao superesportivo produzido entre 1954 e 1963, famoso por suas portas montadas como asas de gaivota.

No visual, chama atenção a releitura da grade do radiador, apresentada pela primeira vez no GLC elétrico, em setembro passado. A peça tem moldura cromada, estrutura em treliça de vidro fumê e iluminação integrada no contorno. O design frontal ganha evidência em meio ao preto da carroceria.

No painel de instrumentos, o ponto central é uma estrutura de vidro, chamada “Zeppelin”. Quando se abre a porta, surge uma animação analógica, inspirada em cronógrafos. Ao centro, um dos quatro relógios tem a forma do logotipo da marca, atuando como um companheiro de IA. Madeira decorativa de madrepérola adorna os painéis das portas. O banco dianteiro é em veludo com tom de azul profundo.

Para revestir o carro, a Mercedes-Benz desenvolveu módulos fotovoltaicos, que podem ser aplicados à carroceria de veículos elétricos. No Vision Iconic, segundo a empresa, a tecnologia consegue captar a energia solar, dependendo da localização e das condições locais.

Com a superfície tecnológica, que equivale a uma área de 11 metros quadrados, o veículo, em tese, poderia gerar energia suficiente para até 12 mil quilômetros por ano em condições ideais. A montadora informa que o revestimento não contém terras raras, nem silício. E possui eficiência de 20%, produzindo energia continuamente, mesmo com o veículo desligado.

Para o futuro, a companhia prevê que o Vision Iconic poderá incluir uma condução autônoma por meio de computação neuromórfica, que simula o funcionamento do cérebro humano e deve tornar os cálculos de inteligência artificial significativamente mais rápidos e eficientes em termos de energia. Isso quer dizer que os sistemas de segurança da máquina poderão identificar melhor sinais de trânsito, faixas e outros usuários da via, reagindo com maior rapidez, mesmo em condições de baixa visibilidade. **E**

O dono da rua

Mauricio de Sousa celebra 90 anos com cinebiografia; ele é homenageado pela Mostra Internacional de São Paulo

Sofia Magalhães

Em 3 de março de 1963, uma das personagens brasileiras mais famosas das últimas seis décadas fez sua estreia em uma tirinha da Ilustrada, caderno de cultura do jornal Folha de S.Paulo. Apesar de os quadrinhos levarem o nome de “Cebolinha”, quem realmente chamou a atenção foi uma menina baixinha, dentuça e com cara de brava que segurava um coelho. Sem dizer uma palavra, Mônica foi apresentada ao público como a dona da rua.

Na época, nem a garota, nem o coelho tinham nome, mas a personalidade da personagem de Mauricio de Sousa, inspirada em sua própria filha, conquistou o público – aliás, o cartunista já explicou que a maioria de suas criações foi inspirada em sua família e amigos.

Mas, antes de a criança mais querida do Brasil começar a tomar forma, o ilustrador precisou percorrer um longo caminho até começar a publicar suas tirinhas e gibis. No início da década de 1950, Mauricio entrou para a Folha aos 18 anos, atuando como revisor de texto. Pouco tempo depois, foi promovido a repórter policial, momento em que passou a desenhar Franjinha e seu fiel cão, Bidu, os primeiros personagens da Turma da Mônica. Em 1959, eles tiveram sua primeira história em quadrinhos publicada no jornal.

Parte dessas histórias estão no longa “Mauricio de Sousa – O Filme”, no circuito comercial desde a quinta-feira, 23. As expectativas em torno do lançamento mobili-

zam Mauro e Marina Takeda de Sousa, filhos do cartunista que completa 90 anos na segunda-feira, 27, e diretores executivos da MSP Estúdios, empresa que responde pelos negócios ligados ao universo da Turma da Mônica.

No filme, Mauro faz o papel do pai. Ele resgata da memória lembranças do ilustrador em plena atividade. “A gente via o brilho nos olhos. Ele trabalhava o tempo inteiro, mas sempre muito feliz e muito presente com a gente”.

Mauro completa: “Uma marca registrada do meu pai é o sorriso. Com ele, não tem tempo ruim, podia estar chovendo ou fazendo sol. Essa era sempre a energia que meu pai tinha ao redor dele, e isso ficou muito marcado assim na minha infância”.

Com exibição antecipada na 49ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, na terça-feira, 21, a cinebiografia de Mauricio foi um momento especial da homenagem preparada para o ilustrador, que recebeu o Prêmio Leon Cakoff, atribuído aos grandes nomes da indústria audiovisual. Pudera. Pródiga em produções para cinema, TV, internet e streaming, a empresa informa que, de 2017 até agora, são mais de dez projetos com mais de R\$ 64 milhões de investimento direto e indireto.

Para a tela grande, os projetos nesse período chegam a cinco.

O mais recente longa, exatamente a cinebiografia, tem coprodução com a Disney e direção de Pedro Vasconcelos, que teve a ideia de convocar Mauro – que atuou no musical “Miss Saigon” – para representar o criador da turma da rua do Limoeiro. Outros atores chegaram a ser cogitados. Porém o papel já tinha destino.



A cinebiografia de Mauricio de Sousa já está nos cinemas

MONTAGEM COM FOTO DE CAUE MORENO



A carreira começou na Folha de S. Paulo. Seus primeiros personagens foram publicados em tirinhas em 1959



FOTOS: ACERVO

“O Pedro disse que tinha de ser eu, mas fui meio resistente no começo. Tive uma pequena síndrome do impostor, de achar que aquilo não era para mim, de que eu não ia dar conta. Mas realmente não tinha outra pessoa que tivesse mais conhecimento e vontade. Aí, foi o processo de entender como que eu ia transformar todo o conhecimento que tenho do meu pai em um personagem”, revela Mauro.

O artista viu o longa antes dos cortes finais. E, como contam os filhos, ele era todo sorriso e lágrimas na ocasião. Para Mauricio, a cinebiografia é como um presente de aniversário. “Não quero dar spoiler, mas vai ter muita homenagem para ele no dia 27. Vamos fazer uma festa mais intimista, muito concentrada na família”, adianta o ator.

Segundo Marina e Mauro, o pai está ótimo. “Ele está velhinho; tem as limitações de uma pessoa de 90 anos, mas vem todos os dias para a empresa, sempre curioso para saber como que as coisas estão. Agora que estamos à frente da gestão, cabe a nós também compartilhar o que está acontecendo”, afirma Mauro.

Inspiração dentro de casa

A família ajudou Mauricio a criar seu universo, composto atualmente por mais de 400 personagens. Aquela menina que chamou atenção logo nas primeiras tirinhas foi baseada na segunda filha do

cartunista, Mônica Sousa, que realmente teve um coelhinho azul de pelúcia e era conhecida por ter personalidade forte. Além dela, os outros herdeiros também ganharam um espacinho nos gibis.

“O meu personagem eu não lembro de ter pedido. Foi uma surpresa quando ele criou o Nimbus e o Do Contra no mesmo gibi [em 1994], eu e o Maurício [Takeda de Sousa] ficamos muito felizes. Foi quando realmente tive o entendimento de quem meu pai era. Morro de orgulho até hoje”, declara Mauro, o Nimbus.

Marina, por sua vez, pediu uma personagem. “Quando vi os dois, fiquei feliz, claro. Aí, bati na porta do escritório do meu pai e perguntei: ‘E eu? Eu sou mais velha do que eles, eu não tenho personalidade? Você não me ama?’. E ele: ‘Não, minha filha, veja bem’. Ele olhou aquela menina de sete anos, que não tirava uma pranchetinha debaixo do braço, que desenhava o dia inteiro, que lia o dia inteiro e ele fez uma ‘surpresa’ para mim. Criou a Marina, que é minha cara mesmo”, detalha.

Reconhecimento

Em 2011, Mauricio tomou posse na Academia Paulista de Letras, tornando-se o primeiro quadrinista a ser reconhecido pela entidade. Em 2004, ele recebeu a medalha da Ordem do Mérito Cultural, que reconhece contri-

buições à cultura do Brasil (outro cartunista, Angeli, recebeu também a mesma honraria, conferida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva). Em 2023, o criador da turma do bairro do Limoeiro concorreu a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). No entanto, ele perdeu a vaga para o filósofo Ricardo Cavaliere, situação que dividiu a internet. Afinal, quadrinhos não poderiam ser considerados literatura?

“Só do Maurício ser candidato já levantou a questão [do valor] dos quadrinhos. Eu lembro de falar: ‘Como acham que os quadrinhos não são literatura? Como o trabalho do meu pai de uma vida inteira não é uma literatura?’. Só disso ter sido colocado em discussão, acho que já valeu”, afirma Marina. “O reconhecimento e a nomeação são bem-vindos, e seria muito legal [se tivesse acontecido], mas o maior reconhecimento que meu pai sente vem principalmente dos fãs”, diz Mauro.

A diretora executiva da MSP Estúdios continua: “Nossos gibis, livros, tudo o que a gente já faz e que o Maurício criou são uma porta de entrada para a educação e alfabetização. Eu entendo o legado dele como uma coisa imensurável. A resposta do público, de gerações de leitores, cada um com uma história diferente, isso é muito rico”. Para Marina, Mauricio se tornou patrimônio cultural do Brasil. **E**

Shows

Vercillo leva a "parte 2" de sua turnê para Goiânia e Olinda em novembro



GIL PERA

Em busca de mais finais felizes

Jorge Vercillo celebra 30 anos de carreira com turnê e fala sobre sua jornada e comparações com Djavan, uma das parcerias que construiu em sua trajetória

Letícia Sena

Com uma carreira que transita entre MPB, samba, pop e músicas românticas, o cantor carioca Jorge Vercillo, 57 anos, construiu uma trajetória marcada por letras poéticas, melodias refinadas e uma voz inconfundível. Agora, ele celebra três décadas de carreira com a turnê comemorativa "JV30", que chega à sua segunda fase com o espetáculo "JV30 Part II: Mais um final feliz". A nova etapa, que passará em novembro por Goiânia (GO) e Olinda (PE), traz repertório renovado e novos arranjos.

Vercillo, que é também compositor e multi-instrumentista, supera quatro milhões de discos vendidos, sucessos que atravessaram gerações e parcerias com grandes nomes da música brasileira. Ainda adolescente, começou a cantar em bares do Rio. Em 1989,

competiu no Festival Internacional de Trovadores, em Curaçao, representando o Brasil – e ficou em primeiro lugar. Seu álbum de estreia, "Encontro das Águas" (1993), emplacou músicas em trilhas de novelas da TV Globo. O reconhecimento nacional veio com "Leve" (1999), puxado pelo dueto com Djavan em "Final Feliz". A partir daí, o artista emplacou uma sequência de hits como "Que Nem Maré" (a música mais tocada no país em 2002), "Monalisa", "Homem-Aranha" e "Ela Une Todas as Coisas", mais um tema de novela e presença constante em casamentos.

Sua obra já foi gravada por nomes como Maria Bethânia, Caetano Veloso, Ana Carolina e Leila Pinheiro. Ele contabiliza indicações ao Grammy Latino e dois prêmios TIM de Melhor Cantor por voto popular. O álbum "Elo"

(2002) conquistou Disco de Diamante, com mais de 1,5 milhão de cópias. Suas composições já embalsamaram mais de 20 trilhas de novelas. E ele comemora mais de um bilhão de streams nas plataformas digitais.

O novo show apresenta também composições recentes, caso de "Endereço" e "Só Quem Ama". Segundo o artista, a atual etapa tem frescor. "É como se eu estivesse começando com toda a bagagem de 30 anos, mas com a leveza de quem ainda quer experimentar outras possibilidades", afirmou no videocast IstoÉ Gente Entrevista.

Ao falar sobre o significado dessa comemoração, Vercillo destacou a importância da reinvenção. "A 'parte 1' cresceu muito e ganhou uma força enorme. Agora, estamos em um momento de reconstrução, com novos parceiros e ideias. Martinha, minha esposa, começou a trabalhar comigo na pandemia e, agora, unimos forças com Diogo Damasceno, empresário do Nando Reis, para aprimorar o lado visual do show", contou. O espetáculo traz novos elementos cênicos, como painéis de LED e vídeos. "O show está mais teatral, mas sem excessos. O público pediu o 'lado B', aquelas músicas menos conhecidas, e isso me coloca num dilema bom: atender a pedidos e, ao mesmo tempo, surpreender", disse.

Comparado desde o início com Djavan, Vercillo comenta que chegaram a chamá-lo de cover do artista alagoano. "Mas sempre busquei minha própria voz. Sou um híbrido de várias influências: Caetano, Gil, Milton, Lulu, Michael Jackson e o próprio Djavan. Essa mistura me fez ser reconhecido", afirma.

Atuante em causas sociais e ambientais, é padrinho de projetos como a Suipa (União Internacional Protetora dos Animais) e iniciativas voltadas à preservação das abelhas nativas brasileiras. "A arte tem o poder de unir e despertar consciência", salienta. Ele celebra que sua trajetória una emoção, reflexão e espiritualidade. "Mais do que um cantor popular, sou alguém que acredita na música como ponte entre o humano e o divino", completa Vercillo. **E**

Cinema



*“O Telefone Preto 2”
é um destaque da
programação
especial*

DIVULGAÇÃO

Na programação da festa das bruxas, a animação estará à venda com o valor promocional de R\$ 12.

Um filme que estará na maratona da UCI e que tem estreia prevista no circuito comercial é “Terror em Shelby Oaks”. O longa de horror estará disponível também na rede Cinepólis (presente em 42 cidades), a partir do dia 30. Ela tem ainda na programação a exibição de “A Noiva Cadáver” e “Tubarão”. Ou seja, há terror espalhado por todos os lados.

Confira as escolhas das redes para a maratona:

Temporada de terror

Com a proximidade do Halloween, redes de cinema investem em ações promocionais dedicadas a filmes de horror

Quem gosta de filmes de terror, tem na temporada de Halloween a oportunidade de fazer uma maratona nas salas de cinema de várias partes do país, com novas produções e clássicos como “Tubarão”, de Steven Spielberg, que completou cinco décadas neste ano. A rede Cinemark programou uma agenda especial para a semana entre os dias 23 e 5 de novembro. E a UCI escalou uma lista de filmes para o dia 31, a data da “festa das bruxas”.

A “Temporada do Terror 2025” da Cinemark traz ingressos no valor promocional de R\$ 13. São 11 filmes exibidos nas unidades da rede. As opções de títulos vão de obras referenciadas nesse universo como “O Bebê de Rosemary” (1968) até filmes recém-lançados como “O Telefone Preto 2”, que estreou na semana passada e já lidera a bilheteria.

Cada produção terá o seu dia especial de exibição, com exceção de três filmes, que ficarão em cartaz por mais tempo: “Tubarão”, “A Noiva Cadáver” (2005) e “A Própria Carne”, que entra no circuito comercial no dia 30 e

que, durante a promoção, terá valores mais em conta (depois disso, os ingressos para esse título retomam os preços da programação normal). A Cinemark conta com 627 salas de cinema em 85 complexos distribuídos por 47 cidades.

Já a ação promocional da UCI, com 237 salas distribuídas pelo Brasil, terá não apenas a exibição de clássicos e novidades do horror como distribuirá vale-ingresso para quem for ao UCI Day Terror vestido a caráter. Os prêmios serão dados às pessoas com as melhores fantasias da noite. Os ingressos também terão valores com descontos: custam R\$ 12 nas sessões convencionais e R\$ 15 nas salas IMAX.

Um dos destaques da rede é a volta de “Pecadores” (2024), com Michael B. Jordan e direção de Ryan Coogler – que já está disponível no streaming (HBO Max). É a chance de ver na tela grande o filme A UCI preparou ainda uma ação para as crianças. É o UCI Day Halloween, entre os dias 31 e 2 de novembro, com dois filmes: “A Noiva Cadáver” e “Frankie e os Monstros”, cuja estreia nacional será no dia 23.

Cinemark – Temporada do Terror (do dia 23 a 5/11)

- Quinta, 23 - **“O Telefone Preto 2”** (2025)
- Sexta, 24 - **“Sexta-Feira 13”** (1980)
- Sábado, 25 - **“O Bebê de Rosemary”** (1968); **“ParaNorman”** (2012)
- Domingo, 26 - **“Psicose”** (1960); **“Five Nights At Freddy’s - O Pesadelo Sem Fim”** (2023)
- Segunda, 27 - **“O Exorcista”** (1973)
- Terça, 28 - **“IT: A Coisa”** (2017)
- Quarta, 29 - **“Drácula de Bram Stoker”** (1992)
- Quinta, 30, a quarta, 5/11 - **“Tubarão”** (1975); **“A Noiva Cadáver”** (2005); **“A Própria Carne”*** (2025)

* “A Própria Carne”, que estreia no circuito comercial no dia 30, terá o valor promocional de R\$ 13 apenas durante a Temporada do Terror 2025.

UCI Day Terror (dia 31)

- “Pecadores”** (2024)
- “Tubarão”**
- “Terror em Shelby Oaks”**
- “O Telefone Preto 2”**
- “Nosferatu”** (2025)
- “Premonição 6”** (2025)
- “A Hora do Mal”** (2025)
- “Invocação do Mal”** (2025)

UCI Day Halloween (do dia 31 a 2/11)

- “A Noiva Cadáver”**
- “Frankie e os Monstros”** (2025)

Filmes e séries

Sustos e mistérios

A semana traz produções como "Frankenstein" e "It" e as brasileiras "Recife Assombrado 2" e "Reencarne". Estreias a partir do dia 23.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"Frankenstein"

Dirigido por Guillermo del Toro, o longa revisita o clássico de Mary Shelley em uma versão sombria e emocional sobre o cientista que cria vida a partir da. Oscar Isaac faz Victor Frankenstein e Jacob Elordi interpreta a criatura. Com Mia Goth e Christoph Waltz.

"Pai do Ano"

A comédia, estrelada por Michael Keaton e Mila Kunis, conta a história de um pai divorciado e atrapalhado que tenta se reconectar com os filhos e recuperar o tempo perdido.

"Recife Assombrado 2"

Dirigido por Adriano Portela, o filme acompanha Hermano (Daniel Rocha) em sua volta ao Recife após 20 anos para investigar o desaparecimento do irmão. Lendas urbanas, mistérios, drama familiar e terror se conectam na trama.

"Salve Rosa"

Drama dirigido por Susanna Lira, com Klara Castanho e Karine Teles, mostra uma adolescente que, após um colapso na escola, passa a desvendar segredos guardados pela mãe e enfrentar dilemas sobre identidade e exposição digital.

Destaques do streaming

"Reencarne"

Após 18 anos preso por matar o parceiro, o ex-policial Túlio decide se suicidar, mas é interrompido por Veronica (Taís Araújo), que diz ser a reencarnação do colega assassinado. Juntos, tentam descobrir o verdadeiro culpado. A série estreia no dia 23.

Globoplay

"Eden"

Esta série de ficção científica, com estreia dia 24, traz Ana de Armas. É ambientada em um futuro distópico onde jovens buscam sobrevivência e liberdade em meio ao colapso ambiental. Prime Video

"It: Bem-vindo a Derry"

Com estreia no dia 26, a série de terror que expande o universo de "It: A Coisa" e revela as origens do palhaço Pennywise. Com Bill Skarsgård de volta ao papel, e ambientação anterior aos eventos do filme original. HBO Max

"Os Donos do Jogo"

Série que mostra o embate de empresários, atletas e políticos nos bastidores do futebol brasileiro, em meio a escândalos e manipulação de poder. Com Juliana Paes, Chico Díaz, Mel Maia e Xamã. Estreia dia 29. Netflix

Calamidade e racismo

Os leitores reagiram a notícias de diferentes áreas nas redes de IstoÉ. Entre elas, a acusação de racismo sobre uma campanha do governo do Piauí e o segundo decreto de calamidade financeira de Cuiabá neste ano

Gisele Bündchen coloca casa em NY à venda

Gisele Bündchen colocou à venda sua casa em Nova York pelo valor de US\$ 16,9 milhões (cerca de R\$ 93 milhões). O imóvel, adquirido em 2005, é o primeiro que ela comprou após a fama, pelo valor de US\$ 5,8 milhões. Construída em 1851, a casa fica no distrito histórico de Greenwich Village. Ela tem 497 metros quadrados, quatro andares, quatro quartos e sete banheiros.



👍 +255 mil 📖 2,2 mil

Trump chama presidente colombiano de "traficante"

A Colômbia recebeu mais de US\$ 740 milhões dos EUA em 2023, verba usada principalmente no combate ao tráfico de drogas. Mas agora ficará sem esse valor. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou que deixará de apoiar financeiramente o país. E acusou o presidente Gustavo Petro de não combater o narcotráfico, chamando de "traficante".



👍 103 mil 📖 2,3 mil

Campanha do PT no Piauí recebe críticas

O governo do Piauí, comandado por Rafael Fonteles (PT), enfrenta acusações de racismo devido a uma propaganda que mostra um homem branco sendo furtado por dois jovens negros. A peça promove um sistema de rastreamento de celulares. Em comunicado, a Secretaria de Comunicação do governo afirmou que o vídeo "não tem conotação racista" por ser inspirado em um filme clássico do Piauí, "Ai Que Vida".



👍 80 mil 📖 908 mil

Não "lave" o frango antes do preparo

Muita gente acredita que "lavar o frango" antes de cozinhar evita contaminações, mas o efeito é justamente o contrário. A água pode espalhar bactérias como a salmonella pela pia, bancada, talheres e até para outros alimentos. O ideal? Levar o frango direto ao fogo, o que sim tem capacidade de eliminar bactérias.



👍 142 mil 📖 3,5 mil



👍 122 mil 📖 3,7 mil

Decreto de calamidade em Cuiabá - de novo

O prefeito de Cuiabá, Abílio Brunini (PL), cogita anunciar o segundo decreto de calamidade financeira da cidade em 2025. O primeiro foi no início do ano, sob alegação de dívidas da gestão anterior. A previsão é de que o governo encerre o ano com déficit de até R\$ 364 milhões.

Palavra por palavra



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Se esse negócio for muito bom, podemos delimitar a jazida em uns dois anos e, se for bom o suficiente, produziremos em sete ou oito anos"

Magda Chambriard, CEO da Petrobras, sobre a licença ambiental obtida junto ao Ibama para perfurar na Bacia da Foz do Amazonas



FERNANDO FRAZAO/AGENCIA BRASIL

"A minha vontade aqui não é de causar mal a ninguém, nem a demissão de ninguém. Eu sei que todo mundo trabalha, tá todo mundo estressado, tá todo mundo sem saber o que fazer, tá tudo caro, tá tudo difícil, tá difícil manter o amor enquanto faz o trabalho"

Whindersson Nunes, ao reclamar das companhias aéreas depois do segundo violão quebrado durante viagem



ERALDO PERES / AP

"São milicianos covardes que atacam não só os seus inimigos, mas atacam também os familiares"

Alexandre de Moraes, ministro do STF, sobre o chamado núcleo de desinformação da trama golpista, em julgamento no qual é relator



"Esta manhã, estão prendendo um inocente. A verdade triunfará, mas o preço a pagar será esmagador"

Nicolas Sarkozy, ex-presidente francês, em post no X minutos antes de se apresentar à prisão de La Santé; ele foi condenado por financiamento ilegal de sua campanha eleitoral de 2007



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"As famílias estão juntas, mas cada uma no seu celular. Quero levar para a internet o que aprendi com a TV: menos é mais. É preciso ensinar de novo o valor de brincar, conversar e estar presente"

Silvia Abravanel, apresentadora e filha de Silvio Santos, que prepara sua estreia no YouTube e critica a aceleração impulsionada pelas redes sociais

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

